



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA**

**LETRAS DO SERTÃO: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA IMPRENSA
SERTANEJA (SOUSA, 1951-1969)**

DANUZIA SUPRIANO SOUSA

CAJAZEIRAS – PB

2016

DANUZIA SUPRIANO SOUSA

LETRAS DO SERTÃO: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA IMPRENSA
SERTANEJA (SOUSA, 1951-1969)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS – PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

S7251 Sousa, Danuzia Supriano

Letras do sertão: representações do feminismo na imprensa sertaneja: (Sousa, 1951-1969) / Danuzia Supriano Sousa. - Cajazeiras, 2016.

58f.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

DANUZIA SUPRIANO SOUSA

**LETRAS DO SERTÃO: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA IMPRENSA
SERTANEJA (SOUSA, 1951-1969)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovada em: ___/____/ 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Orientador

Prof^a. Dr^a. Mariana Moreira Neto
Titular

Prof^a. Dr^a. Rosemere Olímpio de Santana
Titular

Prof^a. Dr^a. Rosilene Alves de Melo
Suplente

CAJAZEIRAS – PB
2016

A minha família, que nunca mediu esforços
para a concretização deste sonho!
Minha fonte de inspiração!

AGRADECIMENTOS

Chegamos ao final de uma jornada acadêmica, momento de agradecer pela conquista, pela realização de um sonho, pela ajuda que, certamente, ajudou-me a chegar ao resultado final. A Deus, por ter me ajudado a enfrentar as dificuldades percorridas durante a elaboração, a não desistir quando desanimei, e a concretizar meu sonho.

A meus pais, meus maiores tesouros, minha fonte de inspiração: João Silva (Damázio) e Josefa Supriano (Zezita), que nunca mediram esforços e fizeram sempre o possível e o impossível para conseguirem a minha faculdade. Obrigado por se mostrarem tão orgulhosos! Com certeza, isso me motivou a enfrentar as dificuldades surgidas no percurso. Para vocês e por vocês!

A minhas irmãs Danilia Supriano Sousa e Josefa Danieli Supriano Sousa, meus amores, que sempre me incentivaram, me ajudaram, me aconselharam; que sofreram

juntas comigo, sorriram juntas comigo e me mostraram que tudo acontece no tempo de Deus. Por sonharem junto comigo, pela torcida, pelas preocupações, pelos puxões de orelha, por acreditarem em mim, minhas fortalezas, minha base.

A minha família: meu sobrinho Pedro Ytallo de Sousa Lira; meu irmão Damaciano Supriano Sousa; meus cunhados Max Oliveira e Leonardo Almeida, pelas palavras de incentivo.

A meu namorado Jonas Soares da Mota, pela paciência, pela compreensão da falta de atenção, pelo incentivo, pela torcida.

A minha amiga de infância, minha flor Wigna Kyone e minha pequena Kilvia Ayalla, pela torcida e por sempre estar disposta a ajudar, por sonhar junto comigo.

Na universidade, tive o prazer de conviver com pessoas especiais. Mônica Raquel Fernandes, com certeza a caminhada ao seu lado foi mais fácil. Obrigado pelo aprendizado, durante esses anos, pela paciência sempre que precisei e por estar sempre pronta e por fazer aquelas coisas que só os amigos fazem! Obrigado por segurar na minha mão quando estava prestes a cair, a lutar por mim, quando desisti de lutar! Choramos juntas nas dificuldades, sorrimos juntas nos progressos. Obrigado por comemorar minhas vitórias e acreditar na superação das dificuldades! Percorremos caminhos difíceis, mas, com nossa determinação, estamos aqui, prontas para seguir uma nova etapa. Foi bom caminharmos juntas.

Convivi na universidade com pessoas inesquecíveis: Geanne Gonçalves, obrigado por tornar minhas manhãs mais alegres e superarmos juntas nossas dificuldades! Quantos momentos bons vividos juntas! Minha amiga Saara Lourenço, quantas saudades! Obrigado pelo prazer de conviver contigo, pelo aprendizado ao seu lado, por me mostrar que, na paciência, tudo se resolve! Bruna Monteiro, obrigado por tornar as manhãs mais alegres e, apesar da distância, a amizade continua!

A minha amiga Vera lúcia, sempre com palavras de apoio, obrigado pela torcida!

Ao meu professor orientador Francisco Firmino Sales Neto, pela paciência, por ajudar a superar minhas dificuldades, por estar sempre disposto a ajudar, pelas orientações, pelas palavras de apoio, muito obrigado!

A meus professores da universidade, pela formação, pelo aprendizado e por me fazerem enxergar novas formas de ver o mundo: à professora Rosemere Olímpio de

Santana, por estar sempre disposta a ajudar com materiais importantes para o meu trabalho nas vezes que a procurei; à professora Ana Rita Uhle, por me fazer entender que as coisas não são tão difíceis assim, sábias palavras, usadas na hora certa; e à professora Mariana Moreira Neto, por se dispor a participar de minha banca e trazer suas contribuições para meu trabalho.

Ainda a minha amiga Lorena, pela atenção e dedicação comigo nos momentos cruciais da finalização desse trabalho.

A meus alunos, pelas palavras motivadoras e pela torcida.

E a todos que contribuíram para a realização do meu trabalho, muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo problematizar o comportamento da mulher em meados do século XX, em paralelo às inovações tecnológicas, políticas e sociais que estavam ocorrendo na sociedade da época. Mais especificamente, buscamos problematizar as representações do feminismo na imprensa sertaneja, durante esse período de modernização e mudanças de comportamento. Para a efetivação dessa proposta, foi realizada uma análise da Revista *Letras do Sertão*, com o intuito de entendermos os desdobramentos de tais mudanças em uma sociedade conservadora. Propomos discussões acerca da importância da imprensa como espaço de lutas e empoderamento feminino na tentativa de igualdade de direitos em relação aos homens. A Revista *Letras do Sertão* teve um período de circulação de dezoito anos, entre 1951 e 1969 na cidade de Sousa, na Paraíba. Utilizamos como aporte teórico as considerações de Joan Scott e Judith Butler para compreendermos as relações e o conceito de gênero. Metodologicamente trabalhamos com fontes periódicas, isto é, com as matérias veiculadas regularmente pela revista citada.

Palavras-chave: Representações do Feminino; Gênero; Imprensa Sertaneja; Letras do Sertão.

ABSTRACT

The present work has as objective discuss the woman's behavior in the mid twentieth century, in parallel to the technological, political and social innovations that were occurring in the society of the time. More specifically, we search discuss the feminism representations in the backlands press during this modernization period and behavioral changes. For the realization of this proposal, an analysis of the magazine Letters of Hinterland was performed in order to understand the developments of such changes in a conservative society. We propose discussions about the importance of the press as a space of fights and women's empowerment in an attempt to equal rights in relation to men. The magazine Letters of Hinterland had a circulation period of eighteen years between 1951 and 1969 in the city of Sousa, Paraiba. We used as theoretical support the considerations of Joan Scott and Judith Butler to understand the relationships and the concept of genre. Methodologically we worked with periodic sources, ie, with the articles published regularly by the mentioned magazine.

Keywords: Female; Genre; Backlands Press; Letters of Hinterland.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 GÊNERO, IMPRENSA E HISTORIOGRAFIA.....	16
1.1 GÊNERO E IMPRENSA.....	17
1.2 O MOVIMENTO FEMINISTA.....	21
1.3 GÊNERO NA HISTORIOGRAFIA.....	24
1.4 SEXUALIDADE E CASAMENTO.....	25
2 GÊNERO E MODERNIZAÇÃO.....	30
2.1 A MODERNIDADE NO BRASIL.....	30
2.2 GÊNERO, MODERNIDADE E SOCIEDADE.....	32
3 MULHERES E LETRAS DO SERTÃO.....	38
3.1 A REVISTA.....	38
3.2 REPRESENTAÇÕES DO FEMININO.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema as *representações do feminino na imprensa sertaneja (Sousa, 1951-1969)*. Nosso principal objetivo é analisar como a mulher estava representada na revista *Letras do Sertão*. Desenvolvemos a pesquisa na perspectiva dos estudos de gênero, realizando uma discussão sobre as lutas e dificuldades que as mulheres enfrentaram ao tentarem deixar o local que a sociedade impôs para elas (o mundo privado), por exemplo, buscando ocupar espaços públicos na imprensa.

O papel das mulheres está sendo repensado e discutido no cenário social. Vários fatores desencadearam esse quadro de mudanças verificado atualmente no mundo feminino. Entre esses fatores, está a participação da mulher na imprensa escrita que, por sua vez, tem publicado assuntos de interesse femininos, inclusive, relativos ao mundo do trabalho. Para que possamos entender esse cenário no século XXI, é fundamental fazermos uma análise no século XX, pois o atual contexto é resultado de lutas e conquistas de grupos e movimentos organizados que se opuseram a uma sociedade conservadora e tradicional.

Para efetivar essa proposta, foi utilizada a revista *Letras do Sertão*, que circulou na cidade de Sousa, sertão da Paraíba, entre os anos de 1951 e 1969. A revista era trimestral, tendo como diretores Walter Sarmiento de Sá, Albert Xavier, Deusdedit Leitão e Sergio Fontes. Sua redação era localizada na Rua Pe. Correia de Sá, nº 06, em Sousa.

Pretendemos analisar a revista com o intuito de respondermos a problemática que se articula neste trabalho: como as mulheres eram vistas pela sociedade, em face da modernização que ocorria? Disso surgem outros questionamentos a respeito de como as mulheres tentaram e conseguiram driblar as barreiras do conservadorismo, que destinava às mulheres os recônditos do mundo doméstico: como a revista *Letras do Sertão* se posicionava diante de uma sociedade que gritava por ares modernos? Como as mulheres se inseriam nesse periódico? E, por fim, como as mulheres foram representadas e se representaram na revista?

Inicialmente, a revista não publicava anúncios. Era genuinamente literária, só recebendo contribuição financeira de seus assinantes. Isso acarretou dificuldades na sua publicação. Mesmo assim, contribuiu de forma significativa para o progresso intelectual da cidade de Sousa, pois a revista expôs e debateu questões importantes, além de ser organizada por grandes intelectuais da cidade e da região sertaneja. Em seu primeiro editorial, a revista se apresentou com um perfil de simplicidade:

Da roça, singela - revista matuta - apresenta-se sem temeridade nem vexame de sua simpleza rude, propondo-se principalmente difundir a cultura sertaneja e compelindo dessa maneira ao exercício mental todos as inteligências do sertão, cuja continência intelectual, por escassez de meios de publicidade, redundava em desconcertante prejuízo de nosso patrimônio cultural (LETRAS DO SERTÃO, 1951, p. 1).

A revista em análise era um instrumento literário, cuja ideias, de maneira geral, contribuíam para a formação social e intelectual da cidade, tendo como principais leitores os sertanejos. Não tinha como público leitor somente as mulheres. Em suas edições, geralmente, eram publicadas matérias femininas, seja elogiando ou criticando, que divulgavam instruções sobre como a mulher deveria se posicionar perante a sociedade. É importante destacar que muitas das publicações eram feitas por mulheres, abordando os mais variados assuntos, inclusive, alguns com tons conservadores: a importância do casamento, críticas à mulher moderna, poemas, sonetos etc.

Durante grande parte da história, a mulher teve sua vida dirigida pelo pai, quando solteira; pelo marido, quando casada; e teve seus modos de comportamento orientados pela mídia e sociedade em geral. Em se tratando dessa situação, na revista *Letras do Sertão*, os editores também publicavam matérias voltadas para o comportamento do público feminino. Na maioria de suas edições, traziam publicações informando como as mulheres estavam se comportando em sociedade e, por conseguinte, mostrando a complexidade dessas relações de gênero, em meados do século XX, no sertão paraibano.

Metodologicamente, pois, utilizamos fontes periódicas: as edições da revista *sousense e sertaneja Letras do Sertão*. É importante ressaltar que as fontes periódicas,

assim como outras fontes históricas, devem ser utilizadas criticamente pelo historiador, para não correremos o risco de nos deixarmos levar pelo discurso do documento e, conseqüentemente, realizar uma análise precipitada, acrítica e superficial das informações (LAPUENTE, 2015, p. 1). Essas fontes periódicas nos ajudaram a entender um período de modernidade no Brasil, em que discursos vanguardistas e conservadores estavam sendo publicados provocando debates junto ao público leitor. A revista *Letras do Sertão* nos permitiu acessar a época e o tema de nosso interesse: o mundo feminino sertanejo em meados do século XX. Utilizamos todas as edições publicadas pela revista, apropriando-nos das representações femininas ali presentes, no período de circulação de 1951 a 1969. Analisamos os elementos contidos na revista *Letras do Sertão*, tendo em vista suas publicações e dando ênfase àquelas voltadas para/ou sobre o público feminino.

Como aporte teórico para uma melhor compreensão do conceito de gênero, nos apropriamos das ideias de Joan Scott (1990) e Judith Butler (2015), que discutiram os principais aspectos em relação às identidades e relações de gênero. As escolhas teóricas utilizadas foram baseadas nas especialidades dos autores, que estudam e pesquisam sobre a temática e tem provocado reflexões importantes para a área dos estudos de gênero. Utilizamos, também, autores como Roger Chartier (1990), que nos ajudou com o conceito de representação; Tânia de Luca (2013), que nos apresentou a trajetória da imprensa brasileira; e Mary Del Priore (2013), ao tratar da história das mulheres no Brasil.

Seguimos a linha de pensamento de Joan Scott, quando ela conceitua o termo gênero o definindo como um componente peculiar nas relações sociais, em se tratando das diferenças entre os sexos, e denominando gênero como uma construção social. Sobre essa definição, afirmou:

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente

sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres (SCOTT, 1989, p. 7).

Ainda podemos afirmar que gênero não representa o sexo, mas, sim, uma relação social: o fato de pertencer a uma classe (RODRIGUES, 2004, p. 3). O sexo está relacionado à constituição biológica, enquanto que gênero delimita as identidades adotadas como mulher ou homem.

Por sua vez, compreendemos que a imprensa, ao longo do tempo, vem tendo um poder influenciador nos costumes, bem como na cultura e na política em sociedade. É sabido como a imprensa teve papel decisivo em diversos capítulos da história de nosso país. Em nosso caso, particularmente, a imprensa teve um papel fundamental para a emergência da mulher no espaço público, dando visibilidade e respaldo às pautas do movimento feminista. Ao mesmo tempo, por décadas, a imprensa serviu de instrumento de constituição da identidade feminina, mesmo em seu aspecto mais conservador. Nessa perspectiva, Luciana Varga Rodrigues, em sua obra *A Representação da mulher na Imprensa Feminina*, afirma que a revista:

[...]cria um modelo ideal de mulher e sugere que todas sejam como ela, tanto fisicamente quanto no comportamento. Para isso, as matérias trazem sugestões de comportamento, vestuário, maquiagem, etc. As revistas tornam-se, para algumas mulheres, referência nas suas vidas, de modo que passam a agir como sugerem as reportagens [...] (RODRIGUES, 2004, p. 2).

No século XX, os meios de comunicação escritos como, por exemplo, as revistas, publicavam em suas edições textos sobre as atitudes comportamentais das mulheres. É importante frisar que as revistas exerciam uma influência direta em seu público alvo, pois a imprensa escrita era apresentada como legitimamente autorizada a delimitar os padrões sociais. Seu público tomava como verdade as publicações e, muitos deles, tentavam seguir à risca os conselhos ofertados: assuntos de moda, as maneiras de se comportar, as receitas, entre outras. Partindo desse pressuposto, podemos dizer que as revistas ditavam comportamentos.

A imprensa exerceu um papel importante na sociedade. O poder de convencimento que a mesma exercia e ainda exerce sobre seu público era/é gritante. Isso possibilita uma motivação em estudar o social, buscando entender como as ideias e falas da imprensa tinham o poder de convencimento sobre as pessoas. Rafaela Pereira Dário, em seu artigo, *Nas trilhas do progresso e da civilização: a revista Letras do Sertão e suas formas de imprimir uma Sousa civilizada e progressista nos anos de 1951-69*, afirma que:

[...] a revista se colocava a serviço dos sertanejos para divulgar sua inteligência... mas, para além das rimas poéticas que moviam as edições da revista existiam também aquilo que podemos chamar de tribuna, onde ideias e ideais, críticas e sugestões, elogios, contribuía para a formação de um imaginário social sobre Sousa, seu passado e seu futuro (DÁRIO, 2011, p. 6).

Como a mulher estava representada na revista *Letras do Sertão*? Isso nos remete ao conceito de representações socialmente construídas. Para nos ajudar a entender esse conceito de representação, partilhamos as ideias de Roger Chartier, para quem as representações são construídas, são “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17). Dessa forma, a imagem da mulher representada na revista é construída na relação com grupos sociais a partir de suas práticas e formas de se fazerem apresentar.

O desejo de trabalhar com os modos e comportamentos do mundo feminino surgiu ao longo da graduação, quando busquei entender os passos e os ideais da classe feminina em busca de ter o seu próprio espaço, o desejo e a necessidade de serem vistas como iguais aos homens e não como seres inferiores. Sendo assim, o que justifica este trabalho é a necessidade de discutir as lutas e os desafios das mulheres ao tentarem melhores condições no espaço social. Daí a necessidade de discutirmos a relação da imprensa e gênero, de pensarmos como a historiografia abordou o tema e a obrigação de debatermos as relações de gênero.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo – “Gênero, Imprensa e Historiografia” – apresentamos a relação entre imprensa e gênero, no que diz respeito à influência da imprensa no cotidiano e na vida das pessoas; bem

como, o poder que a revista exercia no comportamento da sociedade, especificamente no mundo feminino. Ainda no primeiro capítulo, realizamos um estudo sobre o feminismo, abordando suas principais características.

No segundo capítulo – “Gênero e Modernização” – buscamos discutir a introdução das inovações modernas no Brasil, discutindo como as mulheres se comportaram nesse cenário, bem como as relações e lutas desencadeadas por esse conjunto de alterações sociais.

No terceiro capítulo – “Mulheres e Letras do Sertão” – há uma problematização, a partir das edições da revista, de publicações e temas voltados para o público feminino, buscando explorar os textos escritos por mulheres e para mulheres. Preocupamo-nos como o mundo feminino foi sendo representado nas páginas da revista.

1 GÊNERO, IMPRENSA E HISTORIOGRAFIA

Neste capítulo, discutiremos o conceito e o surgimento da questão de gênero na sociedade, relacionando as contribuições intelectuais e sociais que ocorreram após a formulação do termo e do seu uso em movimentos a favor das mulheres e, posteriormente, em círculos acadêmicos. É importante destacar que gênero é um termo recente de estudo. Seguimos a linha de raciocínio de Joan Scott e Judith Butler, para melhor nos ajudar no diálogo acerca das relações de gênero.

No século XX, o movimento feminista trouxe um novo fator para o estudo: o conceito de gênero, que surgiu justamente com “o movimento das mulheres”. O termo apresenta vários significados. Como o termo gênero surgiu em meio às lutas de classes, não teve inicialmente o apoio da academia, mas aos poucos conseguiu adentrar no campo científico:

[...] o gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as “construções sociais” a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres. O “gênero” sublinha também o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado. Vale frisar que esse termo foi proposto por aqueles que defendiam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas da disciplina; acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação” (SOIHET, 1997, p. 404).

Judith Butler (2015) afirma que gênero pode ser visto como uma construção cultural, já sexo como algo natural. Nessa perspectiva, a definição de gênero se dá culturalmente e não biologicamente, ou seja, é o indivíduo que orienta suas escolhas e

formula suas constituições de identidade. Essa escolha parte do princípio cultural e não biológico. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura atua como o destino (BUTLER, 2015, p. 26). O movimento feminista seguia essa linha de pensamento de Butler. A referida autora traz questionamentos e novos pontos de discussões para se pensar a noção de gênero:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou um “sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2013, p. 25).

1.1 IMPRENSA E GÊNERO

Aqui estabelecemos debates em relação ao poder que a imprensa exercia sobre as relações de gêneros, tentando mostrar como a mesma tinha uma influência direta na vida social. Ao mesmo tempo, destacamos o trabalho das revistas femininas com novas roupagens, dentre elas aquelas de perfil feministas, que estavam surgindo com o intuito de motivar as mulheres em busca de igualdades de direitos entre os sexos, ressaltando uma contribuição social positiva.

A imprensa no Brasil ganhou forma, em 1808, com a chegada da Corte Portuguesa, no âmbito da instalação da Tipografia Real, tornando-se fundamental para os registros da História do Brasil: “A imprensa é sem dúvida, um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira” (LUCA, 2013. p. 8). Vale salientar que a história da imprensa é marcada por partidarismo, agindo de acordo com interesses pessoais. Podemos, ainda, dizer que a imprensa registra e veicula a história do país. Ao mesmo tempo, sua própria história, que se constrói juntamente com a do Brasil, é parte integrante do processo que a constitui.

A década de 1950, foi um período marcado pela modernização da imprensa, caracterizada pela busca de imparcialidade do discurso, por mudanças editoriais e pelo melhoramento gráfico (AREAS, 2012, p. 8). A década de 1960, em especial, foi um período marcado por diversas mudanças no cenário social em geral. A política estava passando por fortes tensões, quando ocorreu o Golpe Militar (1964-1985). Em paralelo a esse cenário, passou-se a organizar grupos feministas dispostos a lutar pelos direitos das mulheres. Conseguiram alguns avanços: como o aumento da escolaridade, inserção no mercado de trabalho, o uso de pílulas anticoncepcionais, entre outras. Isso veio a contribuir de forma positiva na vida as mulheres.

Dentre as inúmeras transformações ocorridas na década de 1960, podemos citar a mudança nos discursos sobre a mulher. Havia quem dissesse que era a sociedade quem determinava o masculino e o feminino. Nessa perspectiva, podemos perceber que “o lugar da mulher” era imposto pela sociedade. Podemos afirmar também o papel da imprensa nesse processo, já que relatamos aqui o poder influenciador da mesma na vida das pessoas. Quem decidiria se somos homens ou mulheres não seríamos nós, mais como uma questão social do que de identidade individual.

Em meio a essas modificações, a imprensa foi responsável por algumas mudanças, seja no meio cultural, econômico, social ou político. Após o Golpe Militar, a imprensa passou a sofrer com a censura, mas não deixou de desempenhar um papel influenciador perante seu público. No entanto, tentou encontrar mecanismos e estratégias para recuperar sua voz, até então calada pela censura da ditadura militar. Com a censura nos meios de comunicação, o que predominou foi o obscurantismo de ideias tradicionais, nas quais eram ressaltados sempre a felicidade vinda com o casamento.

Nesse processo de influência da imprensa nos costumes e comportamentos, pode-se perceber que uma grande parte da população seguia o que o texto disseminava. Havia revistas que publicavam matérias apenas voltadas para o público feminino, em sua grande maioria, escrevendo qual “o lugar da mulher” na sociedade, isto é, no espaço do privado. Como, também, haviam as revistas que falavam sobre diversos assuntos, algumas matérias com os chamados “assuntos de mulher”, tais como beleza, comportamento, casa e lazer.

Muitas das revistas publicavam matérias bem conservadoras. Um dos fatores que contribuíam para esse conservadorismo é que as revistas femininas se tornaram modelos para as mulheres, que deveriam vir a se comportar como sugeriam as revistas. Apesar das mudanças que a sociedade vinha passando, o século XX nos mostra que grande parte do público das revistas femininas aceitavam os padrões impostos pela imprensa. Isso poderia estar relacionado ao papel influenciador que estas desempenhavam na coletividade. As revistas femininas garantiam que “uma mulher livre” não era aquela que fazia escolhas, mas sim a que se conformava e aceitava os modelos impostos pela imprensa, que só se enxergavam através da visão do homem: “as leis mudam, mas o essencial continua intocado” (DEL PRIORE, 2013, p. 4). Algumas mulheres, a maior parte delas, ainda aceitavam a submissão por parte dos homens, ainda ocupavam os lugares impostos pela sociedade. Os homens tinham medo de perder seus lugares na sociedade e lutavam a favor do patriarcalismo, popularmente, chamado de machismo.

Vale salientar que também havia uma imprensa que trabalhava para ajudar as mulheres na luta pela sua independência, recusando responsabilizá-las pelos problemas sociais por terem passado a lutar e a sair do “seu espaço”, o privado. Até porque, a maior parte da imprensa fazia um trabalho árduo na tentativa de convencimento às mulheres de permanecerem ocultas em seus lares. Nesse sentido, Natália Pietra, nos fala sobre a luta da imprensa na tentativa de diminuir os discursos de exaltação da classe feminina:

[...] ocorria de certa parte da imprensa e dos meios políticos uma banalização do discurso feminista, na tentativa de transmitir à opinião pública a ideia de que o objetivo do movimento era *malhar* os homens. Todavia, em que pese a relação por vezes virulenta da imprensa com os ideais feministas, é inegável que esses constituíam pauta frequente em jornais e revistas, o que mostra a relevância que tais ideais conquistavam dentro da sociedade brasileira (MÉNDEZ, 2008, p. 280).

Os setores sociais mais conservadores lançaram revistas voltadas para o público feminino, já que estas eram uma das poucas maneiras de diversão das mulheres de classe média. Suas edições eram recheadas de conselhos para o mundo feminino, dando dicas de como manter seus casamentos, como as mulheres deveriam se comportar perante seus maridos, receitas em geral. Vale lembrar ainda que essas revistas eram escritas, na maioria das vezes, pelos homens.

Apesar de todos os problemas enfrentados, a década de 1960 foi um período em que as mulheres conseguiram um avanço significativo em seus ideais e suas lutas, ou seja, mesmo que devagar, conquistaram seu lugar no espaço público. Para que esses grupos femininos garantissem melhores resultados, as revistas feministas estavam trabalhando para que as mulheres buscassem seus direitos, que não aceitassem a submissão aos homens, enfrentando os problemas, a censura e a perseguição.

No início da década de 1960, algumas revistas de cunho feminista já apresentavam inquietações em tentar mostrar para as leitoras que estava por vir um novo tempo, que as mulheres percebessem como os costumes estavam mudando, que elas poderiam ser iguais aos homens, seja dentro de casa ou no campo profissional. As mulheres buscavam igualdade econômica, política e social. A missão era difícil, pois os ideais patriarcais estavam socialmente presentes no país havia bastante tempo.

Ainda no século XX, determinados assuntos passaram a mudar nas revistas femininas. Algumas delas estavam publicando temas da atualidade como, por exemplo, a mulher que saía sozinha de casa, que lutava pelos seus direitos, uma visão de emancipação. Isso contribuía para uma mudança no comportamento da mulher. Como frisamos anteriormente, a imprensa tinha forte influência na vida das pessoas. Era uma nova maneira de se posicionar que abria possibilidades até então nunca vistas pelo mundo feminino.

Aos poucos, a sociedade foi tendo que lidar com a reordenação dos espaços para homens e mulheres, que o mundo estava mudando. Com essa reordenação, vieram as mudanças no nosso cotidiano, no meio em que vivemos. Ainda há muito para se caminhar e conquistar, mas é preciso reconhecer que as mulheres conseguiram avanços significativos e que sem dúvida a imprensa teve a sua contribuição, ao destacar e dar espaço para as demandas das mulheres.

Nesse cenário, a imprensa escrita atuou de maneira influente na tentativa de divulgar os novos valores que a sociedade, e em especial as mulheres, estavam vivenciando ou estavam buscando vivenciar. As revistas participaram desse processo, seja na tentativa de impedir a luta por melhorias, enfatizando a importância e a garantia da felicidade com o casamento e com os filhos; seja na luta por melhores condições de vida para as mulheres. A imprensa registra, comenta, forma opiniões, distrai. Através de

suas palavras e imagens reencontramos valores e comportamentos sociais que nos antecedem no tempo.

A década de 1960 trouxe novas maneiras de refletir no cenário social, mais especificamente em relação as questões de gênero, que aos poucos foi ganhando espaço e, conseqüentemente, pautando uma nova maneira de ver o mundo. Diante do exposto, podemos concluir que gênero e imprensa estão intrinsecamente ligados, uma vez que a imprensa desempenhou um papel importante na confirmação e organização das atuais relações de gênero, seja na luta para obter melhorias, seja para mantê-las nos lugares tradicionalmente impostos.

1.2 O MOVIMENTO FEMINISTA

Para um melhor entendimento das lutas pela igualdade entre os gêneros, englobando não só deveres, mas direitos iguais, no trabalho ou na sociedade, na política ou dentro de casa, podemos nos debruçar sobre o movimento feminista – principal representante dessas lutas e conquistas. Aqui realizamos uma pesquisa buscando entender a trajetória do movimento, tentando fazer uma reflexão das dificuldades enfrentadas e refletindo acerca das inúmeras conquistas da classe feminina.

É difícil datar o início da luta do movimento feminista, já que aos poucos o grupo foi se organizando, ganhando seguidores e, conseqüentemente, ganhando seu espaço no cenário social. Podemos conceituar o movimento feminista como uma ação políticas de mulheres em luta por igualdade de direitos entre os gêneros:

O feminismo, procurou em sua prática enquanto movimento superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo. Assim, o movimento feminista não se organiza de uma forma centralizada, e recusa uma disciplina única, imposta a todos os militantes. Caracteriza pela auto-organização das mulheres em suas múltiplas frentes, assim como em grupos pequenos, onde se

expressam as vivências próprias de cada mulher e onde se fortalece a solidariedade. Os pontos de vista e as iniciativas são válidos não por que se originam de uma organização central, detentora de um monopólio da verdade, mas por que são fruto da prática do conhecimento e da experiência específica e comum das mulheres (ALVES, 1991, p. 9).

É importante frisar que as feministas não buscavam apenas igualdade política e econômica entre homens e mulheres, lutavam por uma sociedade livre de preconceitos e discriminações. Suas lutas iam muito além do que estava escrito nas leis. Não era um movimento que lidava somente na esfera social, abrangia o espaço privado, local onde se encontravam as questões de família, espaço social íntimo e restrito. Em relação a esses aspectos, vejamos:

A partir da década de 60, o feminismo incorpora, portanto, outras frentes de luta, pois, além das reivindicações voltadas para a desigualdade no exercício de direitos – políticos, trabalhistas, civis -, questiona também as raízes culturais destas desigualdades. Denuncia, desta forma, a mística de um “eterno feminino”, ou seja, a crença na inferioridade “natural” da mulher calcada em fatores biológicos. Questiona assim, a ideia de que homens e mulheres estariam predeterminados, por sua própria natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade (ALVES, 1991, p. 54).

O movimento feminista tem sido um fator histórico de extrema importância para a sociedade, pois este grupo conseguiu alterar o cenário social, contribuindo para inserir a mulher no mercado de trabalho, na legislação e, também, reordenando o lugar do feminino dentro de casa. Sobre o surgimento do movimento feminista:

O feminismo nasceu profundamente imbricado com os movimentos políticos dos anos 1960 e estreitamente vinculado à efervescência cultural e política que varria todo o mundo ocidental. Estes movimentos da vanguarda intelectual colocaram em xeque padrões morais socialmente aceitos, desmontando arraigados valores de família e recusando a posição subalterna da mulher dentro do espaço privado, além de questionar os pressupostos epistemológicos que norteavam o mundo do saber (SILVA, 2008, p. 226).

Em meio a esse cenário de lutas, a imprensa contribuiu positivamente nesse processo. As revistas publicavam matérias incentivando as mulheres a aderirem a essas lutas: lutas para conseguirem melhores condições de vida, bem como, por uma sociedade livre de preconceitos.

Como a imprensa exercia um papel influenciador na sociedade, tornava-se um posto importante a ser ocupado pelas mulheres em suas lutas. As mulheres podiam escrever nas revistas e jornais assuntos de seus interesses, ressaltando a importância do trabalho fora de casa, de sua participação mais ativa, para além do espaço do lar, chamando a atenção para a capacidade de exercerem qualquer tipo de função:

Numa relação nem sempre harmoniosa, a imprensa “abre” espaço a mulher, em um momento no qual sua sujeição ao espaço privado do lar e “qualquer alteração no comportamento feminino transformava-se em assunto para debates nos jornais e revistas da época”. Ora as mulheres ocupavam esse espaço para expor suas ideias, reivindicar seus direitos; ora eram o alvo da crítica que não via com bons olhos essa exposição feminina e o espaço que, gradativamente, a mulher ia conseguindo na sociedade, de forma geral (NUNES, 2006, p. 122).

As mulheres usaram esse espaço a seu favor, expondo suas lutas. Mas também foram alvo de críticas pelos conservadores, por suas novas maneiras de se comportarem não terem sido aceitas pela sociedade tradicional. Nesse sentido, Soihet nos fala sobre a posição da imprensa:

Na imprensa a situação não se afigurava mais favorável ao feminismo. Ao longo do tempo, este vinha sendo objeto de grosseiras caricaturas em crônicas e charges, nas quais buscava passar mensagens do terror e do grotesco que representaria a participação das mulheres em esferas que eram consideradas próprias dos homens (SOIHET, 2000, p. 109).

A imprensa masculina, na tentativa de burlar a ação das mulheres com novos comportamentos na sociedade, trabalhou no sentido de desestimulá-las a lutarem pelos seus direitos, ridicularizando e expondo o movimento feminista à desaprovação social:

Era comum os jornais exibirem caricaturas de mulheres enfatizando que a desejosa de participar das decisões políticas e exigente de seus direitos é feia, por isso não arranja casamento, e conseqüentemente torna-se descontente, frustrada e vingativa. Daí questionar sua condição. Em outras palavras, ela só se envolve nessa discussão porque não foi capaz – não tem os atributos necessários – de arranjar um marido (NUNES, 2006, p. 4).

O movimento feminista aos poucos foi ganhando adeptas, que sofreram perseguições e resistências, mas que também conseguiram muitos avanços e conquistas na sociedade. Para isso, souberam se valer da imprensa como veículo de divulgação para suas ideias.

1.3 GÊNERO NA HISTORIOGRAFIA

Realizamos uma pesquisa com o intuito de entendermos a relação da historiografia com as questões de gênero, analisando quando a mesma passou a dar espaço à mulher. Nas décadas de 1950 e 1960, havia uma resistência por parte dos historiadores em escreverem sobre a mulher, pois a sociedade em geral e a academia em particular eram conservadores. Enquanto alguns grupos lutavam pela liberdade feminina como, por exemplo, o movimento feminista – que contribuiu para o surgimento da história das mulheres - havia grande parte da sociedade que não aprovava essas mudanças. Até mesmo entre as próprias mulheres, havia resistências a essas lutas. Antes das historiadoras foram as feministas que empreenderam uma história das mulheres (SILVA, 2008).

No processo de transformação, ao qual a mulher estava inserida, estava o direito das mulheres ao voto e da inserção no mercado de trabalho. Esses fatores vieram a contribuir e foram importantes nas novas relações sociais de gênero no Brasil. Em meio a essas constantes transformações, surgiram algumas historiadoras com

questionamentos para tentar compreender quais eram os papéis que homens e mulheres exerciam na sociedade e quais deveriam exercer.

Alguns pesquisadores e militantes sobre o feminismo acreditam que a inserção historiográfica das mulheres traria novas questões para o debate. Esse novo campo de estudo contribuiu não somente para uma “nova história das mulheres, mas para uma nova História” (SOIHET, 1997, p. 412). Apresentava-se um estudo e, de certa forma, uma valorização da mulher como sujeito da história, e não apenas como um ser submisso ao homem, à sociedade.

É importante ressaltar que, além da sociedade, a historiografia também tinha certo tipo de preconceito com as mulheres, atribuindo sempre ao homem o espaço social e político, enquanto que às mulheres se atribuíam o espaço privado. Ao fazer essa distinção, estava superiorizando o homem em relação à mulher, colocando-o como sujeito históricos e descartando completamente a mulher enquanto figura da história (GOMES, 1997).

Para se falar sobre gênero é necessário pensar sobre o seu tempo histórico. O termo “gênero” tem uma relação com os movimentos sociais das mulheres em busca de igualdade. A respeito de estudos historiográficos sobre a mulher, no contexto de gênero Silva nos informa que:

Os estudos de gênero só têm real valor à medida que, desnaturalizando as desigualdades, contribuam para uma efetiva transformação nas relações entre homens e mulheres, equalizando as relações. Neste caso, não se trata apenas de estudos que possibilitem a emergência de uma nova mulher, mas, de maneira simultânea, é preciso que os homens aceitem participar da construção de uma nova masculinidade. Scott defende, com razão, a necessidade da construção de um arcabouço teórico que dê conta de responder por que as mulheres foram excluídas da história e que, indo além dessa reflexão, compreenda como a história opera, para que possa efetivamente promover mudanças epistemológicas que transformem a dicotomia entre o feminino e o masculino. É tempo, pois, de mudanças (SILVA, 2008, p. 225).

A mulher não era considerada como sujeito histórico, havia uma mecanização em relação ao seu papel como indivíduo, pois era educada a ser esposa, mãe, senhora do lar (tripé), aprendendo a cumprir “obrigações” domésticas e segui-las como se fosse um

ritual. Nesse sentido, a mulher não se colocava diante da sociedade como participante crítico. Diante deste cenário, o homem era protagonista e a mulher figurante.

Com o alargamento dos processos de urbanização e modernização, tanto mulheres quanto homens foram passando por mudanças comportamentais. O surgimento das fábricas, as transformações no mundo da moda, a imprensa, o consumismo, todos são fatores que contribuíram para este processo. Vale salientar, que esse processo não ocorreu de uma hora para outra, mas gradualmente percorrendo debates acirrados, bem como causando transtornos para aqueles que estavam acostumados com um modo de vida anteriormente estabelecido.

Cada vez mais ao longo desse processo, a figura da mulher foi inserindo em um contexto social inovador que, de uma forma ou de outra, demandava a presença da figura feminina, que já não se via somente como algo mecanizado para a vida de “Rainha do Lar”, mas também como trabalhadora, ser social crítico e atuante em seu meio.

1.4 SEXUALIDADE E CASAMENTO

O tema do casamento é um assunto de extrema importância no cenário social. Talvez encontremos nesse tema, um dos principais exemplos da luta promovida pelo movimento feminista e que aponta para uma relação desigual entre os gêneros: a mulher para casar. E a imprensa, como porta-voz e construtor do social, tratou da questão amplamente.

As mulheres eram educadas para o casamento, isto é, desde cedo, os pais instruíam suas filhas como ser uma boa dona de casa, uma boa esposa e uma boa mãe. Lutavam a todo custo para que seus sonhos fossem concretizados, sendo os casamentos arranjados pelos pais, como um negócio, seja por interesses econômicos ou políticos. Os pais obrigavam seus filhos a casarem com quem estes escolhiam. Se não aceitassem as condições impostas pelos pais, corriam o risco de serem expulsos pela família ou até mesmo deserdados. Em grande medida os casamentos não eram escolhidos por amor, mas visando os benefícios sociais e simbólicos para a família.

A Igreja também tinha um papel influenciador na vida das pessoas, particularmente das jovens moças. Em suas pregações, as faziam acreditar que, se não

conseguissem casar, seriam infelizes. Que se fizessem sexo antes do casamento, ficariam desmoralizadas e não conseguiriam um casamento, ficando mal vistas perante a sociedade. Como também, perdiam a oportunidade de se casarem na Igreja, de véu e grinalda, além de correrem o risco de serem devolvidas pelo marido (SIMÃO, 2010). A mulher, desde cedo, era instruída a casar, e o casamento era para a vida inteira, independente do que houvesse dentro do seio familiar.

Por meio de instituições como a Igreja, a sociedade fazia a mulher acreditar que a felicidade viria com o casamento e com os filhos. Durante toda a sua vida, ela deveria estar voltada para cuidar e dar amor e afeto ao seu marido e filhos. É importante ressaltar que esse conservadorismo era uma norma social, pois grande parte das mulheres até então lutavam para conseguirem um casamento. A sociedade ridicularizava a mulher solteira, sendo desprestigiadas e, por vezes, até ridicularizadas quando não conquistavam um matrimônio (ALBUQUERQUE, 2013).

Em relação à sexualidade, as mulheres enfrentavam muitos problemas, por que, apesar da década de 1960 já apresentar alguma liberdade sobre a temática, em muitos casos, as mães se sentiam constrangidas para falar sobre o assunto com suas filhas, o que ocasionava desinformação. Independentemente do nível social, nos assuntos relativos a sexo e sexualidade, havia falta de informação, medo, vergonha e insatisfação, notadamente das mulheres.

O interesse e o direito das mulheres ao prazer sexual eram assuntos que não se discutiam, porque a socialização para a sexualidade não era algo que deveria acontecer dentro do espaço familiar, onde tudo que se referia ao sexo e a sexualidade eram vistos como profano (SIMÃO, 2010).

Cabia às moças se guardarem para seus esposos. Caso contrário, seriam ridicularizadas na sociedade, não conseguiriam mais arranjar um enlace matrimonial, como também deixavam suas famílias com reputação negativa perante a sociedade. Elas poderiam perder um casamento. Se as moças apresentassem ações diferentes do que a sociedade pregava, poderiam ficar mal faladas e, conseqüentemente, corriam o risco de não encontrarem um “bom partido” para o casamento.

Na década de 1960, muitas práticas sociais vivenciaram novos tempos, como por exemplo, a introdução da pílula anticoncepcional. Mas vale ressaltar que a sociedade

ainda estava voltada para os papéis conservadores. Nessa perspectiva, Simão afirma que:

[...] as distinções entre os papéis masculinos e femininos continuaram evidentes. A moral sexual diferenciada permaneceu forte e, embora o Brasil acompanhasse, de alguma maneira, as tendências internacionais de modernização e emancipação feminina, também se prendia a ideias que defendiam que a mulher ideal era aquela que desempenhava papéis tradicionalmente femininos – ou seja, que se dedicava às ocupações domésticas, ao cuidado do marido e dos filhos. A resignação, o instinto materno, a doçura e a pureza, por exemplo, eram consideradas como características femininas desejáveis (SIMÃO, 2010, p. 2).

Nesse sentido, as revistas tinham um papel influenciador no comportamento das mulheres. Em suas publicações, aconselhavam as mulheres como serem boas donas de casa, como agradarem aos maridos, dando dicas e receitas de como elas deveriam se comportar dentro de seu lar. Podemos perceber que, apesar da década de 1960 já tratar sobre liberdade sexual, a igualdade para homens e mulheres, não se observava na prática. O que se assistiu foi uma sociedade conservadora lutando a todo custo para que os papéis se mantivessem como estavam, isto é, o homem no espaço social e livre e a mulher no cenário privado e resguardada. Alegava-se que o espaço social era perigoso para a mulher e que esta deveria viver com total submissão a seus maridos:

Não importavam os desejos ou a vontade de agir espontaneamente, o que contava ainda eram as aparências e as regras, pois – segundo conselho das tais revistas, “mesmo se ele se divertir, não gostará que você fuja dos padrões, julgará você leviana e fará fofoca a seu respeito na roda de amigos”. Durante os chamados Anos Dourados, aquelas que permitissem liberdades “que jamais deveriam ser consentidas por alguém que se preze em sua dignidade” acabavam sendo dispensadas e esquecidas, pois “o rapaz não se lembrará da moça a não ser pelas liberdades concedidas” (DEL PRIORI, 2011, p. 117).

A mulher, por muito tempo, viveu oprimida dentro do lar, não tinha participação nas decisões, viveu sempre com o fantasma da inferioridade em relação aos

homens. Mas, com o advento de grupos feministas, as mulheres, ou pelos menos algumas delas, tentaram mudar esse aspecto da sociedade. Esses grupos lutaram na tentativa serem ouvidas, mesmo com o risco de serem socialmente desmoralizadas:

Regras e advertências não foram suficientes para barrar algumas pioneiras que fugiam ao padrão estabelecido. Estas transgrediam fumando, lendo coisas proibidas, explorando sua sexualidade nos bancos dos carros, discordando dos pais e abrindo mão da virgindade, e por vezes do casamento, para viver um grande amor (DEL PRIORI, 2011, p. 117).

Mas não podemos esquecer que o século XX trouxe mudanças no cenário social, ou seja, trouxe questionamentos e mudanças de papéis exercidos no meio social, bem como no espaço da família. A mulher, mediante suas lutas, conseguiu, de certa forma, uma independência financeira e algumas mudanças na lei. A mulher atravessou um espaço de dificuldades para conseguir conquistar respeito e igualdade de direito, bem como um papel no meio social, ou mesmo dentro do lar, principalmente no que se refere ao espaço do casamento:

Sufocada em seu próprio lar e incomodada por não poder participar ativamente das decisões que lhe eram importantes, ela resolveu acordar do estado de torpor que se encontrava, com este modo de vida vazio, incompleto, e resolveu então procurar por uma atividade na sociedade que lhe desse o status de útil, que a qualificasse como alguém. Na busca pela libertação, a mulher teve que trocar a “proteção” masculina por competição e nesse ínterim o casamento acabou perdendo a importância que tinha a várias gerações atrás (GOMES, 2008. p. 8).

Após as ideias do movimento feministas, ainda haviam aquelas que sonhavam com o casamento, que acreditavam que a maternidade iria lhes trazer a plena felicidade, que se reconheciam dentro da esfera do privado. Mas, por outro lado, haviam aquelas com ideais mais modernos, que saíam sozinhas com os namorados, que acreditavam na felicidade sem necessariamente se casarem. Porém, pagavam um preço muito alto por isso: eram perseguidas pela sociedade, mal faladas diante de uma sociedade conservadora e tradicional, que não aceitava essa “modernidade”.

A Igreja exercia um papel fiscalizador sobre a vida da comunidade. Era preciso seguir as regras que a mesma ditava. Os que se opunham aos princípios da Igreja, da moral e dos bons costumes, acabavam sendo excluídos por não se adequarem aos padrões da instituição.

Juntamente com a Igreja, a família representava outra instituição de controle e oposição às conquistas das mulheres. De acordo com (TENÓ, 2011), a década de 1960 costuma ser apontada como um marco nas transformações no caráter da família, em função de uma série de fatores como a participação mais evidente da mulher no mercado de trabalho e a emancipação feminina, que resultaram em novas organizações familiares e imprimiram cada vez mais o caráter de escolha individual dos parceiros na constituição das famílias. Como veremos, por oportuno, casamento, família e Igreja são alguns dos temas que a imprensa sertaneja abordou.

2 GÊNERO E MODERNIZAÇÃO

Neste capítulo, analisamos o processo de modernização ocorrido no Brasil, em meados do século XX, particularmente o impacto desse processo no comportamento das mulheres.

2.1 A MODERNIDADE NO BRASIL

As primeiras décadas do século XX, no Brasil, foram marcadas especialmente pelas ideias de uma parcela expressiva da intelectualidade brasileira, que defendia a necessidade de um país moderno, tendo como referência os países europeus e os Estados Unidos. Modelos que, segundo os intelectuais brasileiros, deixavam o País sem identidade própria (GEBRIM, 2007). Tentavam seguir, a todo custo, os modelos de vida europeia: a moda, os comportamentos no dia a dia, seja no espaço público ou privado. Sobre isso, vejamos:

No Brasil esse fenômeno apresentou dimensão singular, associada às especificidades do cenário econômico, político e social, em particular o projeto modernizador republicano. Tal concepção fundamentou uma convergência identitária entre saúde, educação e nação, e uniu a intelectualidade urbana na elaboração de ampla proposta reformadora... Os esforços da elite intelectual concentravam-se sobretudo em tentativas de eliminação de qualquer resquício de um passado de 'atraso' e tradição e de incorporação do 'novo' como passaporte para a ordem e o progresso. Sob a égide da modernidade - transformada em palavra de ordem em todo o mundo - almejava-se uma verdadeira transformação cultural, com rejeição à cultura colonial e configuração de novas relações sociais, impondo-se a adoção de comportamentos e atitudes adequados aos 'novos tempos' (FREIRE, 2008. p. 1).

O Brasil vivenciava novos momentos com projetos inovadores, em que se tentava fugir de ideias arcaicas, difundindo discursos identitários e de novos papéis sociais. Nesse caso, podemos citar as mulheres voltadas para sua inserção no plano social, que passaram a lutar por seus objetivos: a educação é um exemplo disso. O século XX foi marcado por uma série de inovações tecnológicas na área da comunicação, da difusão de informação, conhecimento e cultura:

A popularização de consumo, incentivada pela propaganda e pelo sistema crediário, possibilitou um número maior de pessoas tornar o dia a dia mais agradável. Os eletrodomésticos facilitaram os afazeres da casa, o carro possibilitava maior mobilidade na locomoção urbana, nas viagens, de fim de semana e de férias anuais [...] (RODRIGUES, 2009, p. 7).

No Brasil, esse período trouxe transformações para a vida da população. Com a modernidade, surgiram então novos processos políticos e sociais. A imprensa ganhou cores, fotografias e se diversificou em novos gêneros dentro de um novo molde de sistema industrial do jornalismo. As mulheres também foram buscar novos espaços dentro da sociedade, saindo dos espaços privados e buscando representatividade na vida pública (ALIBIO, 2015).

Em relação a esses novos papéis exercidos pelas mulheres no século XX, Del Priore explica como os costumes haviam mudado, o que causava um certo desconforto por parte da população:

No início do século XX, o país viveu um momento de ascensão da classe média. Nas cidades, ampliavam-se, sobretudo para mulheres, as possibilidades de acesso a informação, lazer e consumo. Os homens temiam pela “emancipação”, e em revistas a ironia se tornou uma forma de queixa. Caricaturas mostravam a inversão de papéis: um homem dando a mamadeira, pois a mulher se demorara na modista (DEL PRIORE, 2013, p. 52).

No século XX, o Brasil se permitiu viver períodos modernizadores, quando já se conseguia ver algumas mulheres no espaço público. Um exemplo disso é o caso dos salões de beleza, tendo como titulares as mulheres, que passaram a exercer novas funções. Aos poucos, as mulheres foram garantindo suas funções na sociedade, atribuições que vão muito além dos espaços domésticos. A sociedade, aos poucos, foi se adaptando e aceitando as novas maneiras de comportamento. De acordo com Salles,

[...] na década de 60 quando a independência feminina, diante do trabalho, o início da liberação sexual decorrente do surgimento da pílula anticoncepcional e a invasão da mídia (novelas, filmes e outros), que mostravam o amor e a paixão como temas principais, fez com que lentamente o sexo antes do casamento fosse visto não apenas como tema de novela, mas também da vida real, desvinculando-se assim da procriação e do próprio casamento. Apesar dessa lenta mudança, as revistas femininas ainda apostavam na figura da mãe e dona-de-casa, que agora enfrenta o desmoronamento da figura de “rainha-do-lar” (SALLES, 2011. p. 9).

Diante dessas mudanças, coube à mulher aproveitar esses avanços, como também serviu de incentivo para continuarem suas lutas. Nessa situação, as feministas

tentavam cada vez mais encontrar seu lugar no espaço público, cada vez mais deixando o papel de coadjuvante, mesmo que sem deixar de se responsabilizar pelas decisões do lar e da educação dos filhos. É o que nos mostra Carvalho:

A mediação entre a esfera pública e a esfera privada pelos salões era especialmente administrada pela mulher, na tarefa difícil de estabelecer a relação entre o público gerador e consumidor de cultura. Em quaisquer desses espaços, as mãos femininas teciam a malha em que se articulavam os valores inerentes à formação de novos padrões culturais. A participação feminina na reconstrução do espaço em que transitavam os intelectuais de modo geral era inegável, sobretudo a contribuição dada para a formação das novas gerações de brasileiros, pois era a mulher o centro de gravitação da família e responsável direta pela criação dos filhos. Coube à mulher introduzir a leitura de livros em voz alta, discutir arte, música, estimulando assim a sensibilidade do ouvinte (CARVALHO,1995, p. 5).

2.2 GÊNERO, MODERNIDADE E SOCIEDADE

Nesse subitem, analisamos a luta das mulheres que buscavam acompanhar a dinâmica da sociedade que estava se modernizando, destacando a contribuição da imprensa escrita, uma fonte importantíssima de divulgação de ideias diante desse contexto inovador.

O século XX foi um período marcado por mudanças no cenário social, principalmente em se tratando do campo urbano, onde ocorreu o início das políticas sociais, bem como a modernização e inserção de tecnologias, aumento dos níveis de alfabetização, o acesso das mulheres ao voto, como também o aumento das revistas escritas com assuntos femininos. Essas modificações contribuíram de forma significativa para as redefinições das relações de gênero, ou seja, as mulheres se permitiram buscar um novo ambiente e acompanhar o ritmo da modernidade.

Essas novas maneiras de comportamentos das mulheres, tais como andar sozinha na rua acompanhado somente do namorado, inserção no mercado de trabalho, entre outros, estavam inseridas no contexto da chegada das tecnologias e no desenvolvimento urbano. Como estavam no ápice do desenvolvimento, surgiram nas revistas assuntos voltados para esses aspectos do mundo feminino:

Os jornais femininos, apesar de surgidos sob o signo da literatura, eram veículos propagadores das inquietações femininas na busca de conquistas sociais. Em suas páginas eram estampadas, taticamente e de modo sutil, as contestações e críticas à sociedade vigente e objetivava cada vez mais, incentivar as mulheres para elas não desanimarem na busca do seu crescimento social e intelectual. A escrita como instrumento social para tornar pública suas ideias e aspirações, seus desejos e suas tensões, no contexto social da comunidade em que as mulheres faziam parte, era um dos elementos da engrenagem da luta das mulheres do século XX (CARVALHO 2013, p. 11).

Principalmente no cenário urbano, os hábitos vivenciados no cotidiano das pessoas passaram a mudar. Um fator que contribuiu de forma notória foi a inserção das tecnologias, as práticas que existiam no espaço privado passaram a ser experimentados no ambiente público:

A tecnologia havia se tornado num poderoso índice de urbanização e, com ela, vieram as transformações e ampliações do espaço público, inclusive para se viver a privacidade, como é o caso, por exemplo, da situação de sair de casa para tomar café em um bar. Costumes que antes faziam parte apenas dos espaços privados eram transportados para os espaços públicos, causando mudanças de comportamentos e novas adaptações a esses espaços e suas funções. As referências simbólicas estavam sendo moldadas pela interferência tecnológica no dia a dia das pessoas. O ser moderno implicava necessariamente alguma relação com as novas tecnologias (FERNANDES, 2009, p. 61).

Em meio a esse cenário, os mais conservadores trabalharam no intuito de acabar com essas ideias de modernidade, também utilizando como aliada a imprensa. É interessante observar que mesmo com o crescimento das cidades, a imprensa conservadora estava tentando driblar os assuntos que surgiram juntamente com o progresso das cidades, que iam contra o que chamavam de moral e bons costumes.

Mesmo com as ideias modernas vividas pelos brasileiros, parte da sociedade não aceitava essas transformações de vida das mulheres, essa tentativa de ocupações de novos cargos, de novos espaços nas relações de convivência. Muitas pessoas não aceitavam ideias que iam contra seus princípios. Essa tensão vai ser uma marca

constante desse período: aceitar ou recusar a modernidade, pelo menos no que ela se referia ao comportamento feminino:

A vida moderna, cada vez mais levando as mulheres para “longe do lar e do recato”, ameaçava a “ordem familiar, tida como o mais importante ‘suporte do Estado’ e única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da ‘modernidade’”. Não que aos homens não fossem atribuídas responsabilidades sociais e que um ideal de comportamento masculino estivesse ausente das relações entre os dois gêneros. Ao mesmo tempo em que os jornais buscavam – prioritariamente – conformar o feminino, construíam socialmente o masculino. Essa relação entre os gêneros era reconhecida em sua complexidade como de ordem natural e biológica, atribuindo aos homens características contrárias às femininas (virilidade e força, por exemplo), bem como o exercício da autoridade e do poder. No mesmo movimento, portanto, em que se define ou se redefine um dos gêneros, está a construção do outro (SEMEÃO, 2013. p. 16).

O fato das mulheres viverem o espaço público fez com que abrissem mão de modelos tradicionais como, por exemplo, a família. Segundo os conservadores, o fato das mulheres provarem o local social, fazia com que deixassem de cuidar e se dedicar a família, como nos afirma Fernandes:

A modernidade vivida pelas mulheres trouxe uma série de possibilidades para elas e essas possibilidades as desertaram do lar; mostraram a elas um novo mundo fora da intimidade da casa, os passeios, os chás, as visitas, os tangos. Tais mudanças chegavam a ameaçar o “mais importante suporte do Estado’ e única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da ‘modernidade’”; a saber, a família. Com as constantes saídas da mulher do lar, parecia abrir-se espaço para a desordem e a falta de cuidado delas com o espaço doméstico, com o marido e com os filhos (FERNANDES, 2009, p. 61).

Por muito tempo, a mulher viveu oprimida dentro do lar, submissa ao marido, sendo controlada por ele. Por causa disso, muitas dessas mulheres que lutavam por reconhecimento político, social e moral eram vistas por algumas famílias como a frente do seu tempo, porque buscavam alcançar uma independência pessoal e profissional. Com isso, enfrentavam preconceitos, pois, até então, o modelo de família ideal era

patriarcal. A mulher era aquela que trabalhava feliz no lar, submissa ao marido, sem voz. Nessa perspectiva, tinham como aliadas às revistas tradicionais que publicavam assuntos da mulher no lar, receitas, dicas de como fazerem seus maridos felizes, comportamentos que prezavam os bons costumes e da moral.

Segundo Costa, na década de 1960, a mulher lutou por direitos iguais em relação aos dos homens. Assim, o casamento e a família deixaram de ser prioridades em sua vida, ocorrendo mais separações, mulheres solteiras e provedoras de lar. As mulheres entenderam que poderiam ser felizes sem necessariamente contraírem o matrimônio:

No mundo moderno, especialmente após a década de sessenta, buscou – se com mais intensidade a igualdade de direitos e oportunidade para homens e mulheres, para alcançar essa ideológica igualdade muitos aspectos internos e externos à família precisaram ser repensados e redefinidos (COSTA, 2006, p. 9).

Segundo Costa, os movimentos feministas, iniciados nas décadas de 1960 e 1970, formaram a luta das mulheres ao problematizarem a desigualdade entre homens e mulheres e questionarem os diversos aspectos da vida social, como a família, sexualidade, tarefas domésticas, inserção no mercado de trabalho e educação dos filhos. As ideias do movimento feminista trouxeram para a sociedade novas formas de ver o mundo, novos papéis de atuação das mulheres. Após esse momento, o modo de vida da mulher passou a ser discutido com mais veemência tanto na sociedade quanto nos estudos científicos.

Foi a partir da década de 1960 do século XX, que se consolidou a inserção das mulheres no mercado de trabalho no Brasil. Dentro desse novo contexto social, a mulher passou a transpor novos horizontes e começou a competir com o homem pelo espaço externo de trabalho. Talvez, esse seja um dos pontos que o homem tanto temia com a inserção da mulher no mercado de trabalho, a competição, e conseqüentemente, o medo das mesmas conseguirem se destacar mais do que eles, o que acarretaria na perda dos cargos e de prestígios. O papel social feminino se alterou através das mudanças da sociedade e também pelas transformações econômicas (FRANÇA, 2009).

Muitas mulheres optaram por permanecer nos lugares até então designados pela sociedade tradicional, pois acreditavam que trabalhar fora de casa, fugir dos padrões ditos naturais, ocasionaria o abandono dos filhos. Elas ficavam divididas entre os velhos

valores e os novos. Ao mesmo tempo em que eram incentivadas a ter uma profissão, lhes era cobrada a responsabilidade sobre os cuidados com os filhos (FRANÇA, 2009).

Como expressou Cortazzo,

Historicamente o lugar destinado à mulher tem sido o lar, as questões domésticas [...]. Às mulheres corresponde 'por natureza' o cuidado dos filhos, da casa e dos pais velhos: funciona como um mandato a que devem responder e, em muitos casos, isto é requerido por outras mulheres [...] (CORTAZZO, 2000, p.157).

Nessa mesma perspectiva, Sobreira e Moreira nos afirmam que:

Fora do lar a mulher está contribuindo inconscientemente para a destruição da sociedade, não há dúvida, e arregimentando um exército que, daqui a dez ou cinquenta anos, destruirá tudo. [...] essa mania de querer saber definir tudo é muito complexa e aqui aí apenas um testemunho para servir de contributo contra o afastamento da mulher do seu legítimo e honradíssimo lugar, indefinidamente mais honrado do que a função de promotora num tribunal ou um gabinete de ministra. Do saldo, a estrutura da mulher, mais frágil, e, como tal, jamais alcançará ela o destino do homem, a não ser com essas arrancadas feministas que estão comprometendo as estruturas do mundo (SOBREIRA, 2009, p. 29).

Diante do exposto, podemos perceber as dificuldades e os progressos alcançados nas lutas das mulheres por igualdade de gênero, de direitos, políticos, econômicos, pessoais, entre outros. Progressos que vieram juntamente com a modernização, principalmente, dos centros urbanos. As mulheres não ficaram de fora dessa modernização e cada vez mais passaram a ocupar lugares e a adotar comportamentos, até então, dos homens. Elas saíram em busca de liberdade, de viver as novas ideias de felicidade. E a imprensa escrita permaneceu sendo uma interlocutora na busca pelas conquistas das mulheres.

3 MULHERES E LETRAS NO SERTÃO

Neste capítulo realizamos uma análise sobre as publicações da Revista *Letras do Sertão*, que trazem em suas edições assuntos relacionados ao comportamento das mulheres, especialmente as publicações escritas pelo público feminino, sejam em defesa das conquistas femininas, sejam fazendo críticas a essas novas maneiras de comportamento das mulheres.

3.1 REVISTA

A inserção de *Letras do Sertão* no mercado editorial da cidade de Sousa, Paraíba, se deu em 2 de novembro de 1951. Nomes como Sérgio Fontes, Albert Xavier e Deusdedit Leitão cogitaram a possibilidade de fundarem na cidade de Sousa uma revista, aventurando-se na imprensa sertaneja. As dúvidas pairavam no ar. A incerteza se os sousenses acolheriam bem a proposta, inquietavam os organizadores: como conseguir publicar uma revista sem recursos? Essa era a questão que os preocupavam.

Segundo os editores, tinham o objetivo de divulgar os trabalhos dos intelectuais da região, dando oportunidade para divulgarem seus trabalhos, como também para informar aos leitores as principais notícias do sertão. Na preparação da revista, os organizadores convidaram os intelectuais para fazerem parte do projeto da revista. Os colaboradores da revista eram professores, escritores, advogados, poetas, bancários, entre outros. Muitos dos escritores usavam pseudônimos em seus textos (DÁRIO, 2012).

De acordo com Matos,

A revista *Letras do Sertão* redigiu uma carta convite que fora entregue a alguns intelectuais paraibanos. Na carta os seus editores colocam que aquela revista não pretendia ser um instrumento a serviço das escolas literárias do Brasil, pelo contrário, ela seria um espaço reservado a escrita dos sertanejos e estes teriam total liberdade para escrever, seguindo, cada qual, o estilo que mais os chamavam atenção (MATOS, 2003, p. 8).

No ano de 1951, quando a revista foi lançada, a cidade de Sousa já vivenciava uma transformação no cenário urbano. Para acompanhar esse ritmo, os organizadores inseriram a Revista *Letras do Sertão* e se propuseram a apresentar os rumos dessa modernidade. De acordo com Dário,

Ao longo dos anos 50 e até mesmo dos 60, a partir do momento que certas necessidades materiais chegam a Sousa em um ritmo cada vez maior, *Letras do Sertão* encara a tarefa de defensora de certo progresso de espírito, denunciando em alguns de seus artigos que Sousa andava longe de alcançar por pensar demais no progresso material (DÁRIO 2011, p. 7).

Durante seu período de circulação, a revista *Letras do Sertão* teve 31 edições. Em março de 1967, a mesma passou por uma nova roupagem, mas sem perder a base de uma revista literária:

Seus editores, ao referirem-se a ela, procuraram aproximá-la dos sertanejos, numa relação de alteridade, classificando-a de revista matuta, simples, diferentes de outras revistas que nasceram nas capitais e que procuravam, segundo eles, se apresentar de forma ruidosa servindo as escolas literárias do país. Ao colocarem que agora os sertanejos teriam um espaço de divulgação dos seus trabalhos eles estariam criando certo vínculo identitário que aproximariam as produções dos mesmos (DÁRIO, 2012, p. 11).

A cidade de Sousa estava crescendo e os organizadores acreditavam que esse crescimento deveria ser acompanhado do desenvolvimento intelectual e cultural de seus habitantes. Para eles, a revista se posicionaria como representante desse desenvolvimento intelectual:

Eis me aqui, pois a cumprir um dever social, a agradecer a gentileza, e a apresentar, como manda o protocolo, os meus cumprimentos- os meus votos de felicidade a Exma. Senhora Mãe, a cidade de Sousa, e a sua gentilíssima filha, “*Letras do Sertão*”... a revista tem um sorriso bonito, promissor. Que os seus diretores tenham fé. A fé é a razão, com o grande motor da ternura. – Surgirão, evidentemente, muitos críticos..., mas o crítico é um bem necessário [...] (LETRAS DO SERTÃO, 1952, p. 2).

A revista era trimestral e, inicialmente, tinha como diretores figuras masculinas: Walter Sarmiento de Sá, Alberto Xavier, Deusdedit Leitão e Sérgio Fontes.¹ Analisando a revista podemos perceber que há um número muito grande de publicações feitas por mulheres, aparecem nomes como Criseuda Gadelha, Emília Melo, Iara Cajá, Aldina

¹ Alberto Xavier emprestou o escritório da loja de tecidos de seu pai para ser sede da revista. Contribuiu o quanto pôde, só se afastando para cursar a faculdade de Ciências Médicas, em Pernambuco. Sérgio Fontes era filho do renomado farmacêutico Salé Fontes. Continuou à frente da revista quando seus companheiros se afastaram um pouco da cidade. Deusdedit Leitão era funcionário público estadual, vindo de São João do Rio do Peixe para trabalhar em Sousa. Escritor e historiador, pode ser considerado o entusiasta da revista *Letras do Sertão*. Walter Sarmiento de Sá era juiz de direito e colaborador da revista. Tem um blog intitulado como *O Aprendiz* (DÁRIO, 2012, p. 32).

Almeida, Ignez Mariz, Adália de Sousa, Lúcia Ferreira, Lourdes Ramalho, Julieta Pordeus Gadelha, Célia Silveira, Annalinda G. Nunes, Raimunda Cordeiro, Gladys F. de Sousa, Elza Matos, Haide Nóbrega Simões, entre outras. A grande maioria eram intelectuais da cidade de Sousa.

Na revista, havia algumas publicações intituladas como assuntos de mulheres: “A Importância da união matrimonial”, no qual a autora Haide Nóbrega Simões defendeu a ideia de que a mulher atribuía muita importância ao casamento, tomando-o como primordial na sua vida. Reforçava a ideia da preocupação das mulheres em conseguirem um casamento, pois, caso contrário, se sentiriam constrangidas. Via essa busca como algo negativo para a imagem feminina. Ao longo de sua matéria, a autora foi apontando vários pontos negativos no matrimônio, que levariam a infelicidade do casal:

A mulher preocupa-se muitíssimo com o casamento, pois, na maioria das vezes, sente-se constrangida e frustrada, não sabendo responder a tanta indagação: - Então já noivou? Ou ainda: - vai casar, ou não? Daí, apavorada de ficar “titia”, lança mão dos cosméticos, faz e desfaz bagagens, é ponto habitual em qualquer reunião, a espera de e - quando o “príncipe” não aparece - torna-se ela mais um artigo de liquidação que propriamente mulher (SIMÕES, 1967, p. 9).

Julieta Pordeus Gadelha é outra escritora que publicou matérias voltadas para o público feminino. “Intelecto e casamento” é uma delas, na qual tenta sair em defesa das mulheres em uma conversa com um amigo. Em outra edição, escreve “Modernismo... Consciência”, no qual faz uma crítica aos conhecedores da Arte Moderna. Outro texto escrito pela autora, vem reforçar a ideia do trabalho da mulher no espaço público, trazendo como título “Atenção loteria informa”, ressaltando a felicidade da mulher no espaço do trabalho:

No caso de Julieta Pordeus, a mesma publicava crônicas, que às vezes eram lidas nas rádios, sobre assuntos diversos. Sua publicação inicial acontece na primeira fase de circulação da Revista, de número 6, que ocorreu entre novembro de 1951 a julho de 1961 com a crônica intitulada *Igual Desdita* (SILVA, 2015, p. 9).

Os homens também escreviam assuntos voltados para o público feminino. Egberto Carneiro da Cunha publicou uma matéria, trazendo como título “A mulher Moderna”, na qual faz uma crítica a mulher da década de 1950. “Uma Jovem que ficou sem advogado”, texto de Ananias Pordeus Gadelha, dissertando sobre uma jovem que o procurou para processar seu ex-namorado. Grande parte das matérias escritas por homens, em se tratando de assuntos de mulheres, eram fazendo críticas aos novos comportamentos femininos.

Apesar dos problemas enfrentados, os editores da revista conseguiram imprimir muitos exemplares, lutando para que *Letras do Sertão* se estabelecesse na cultura da cidade de Sousa (BARRETO, 1968).

3.2 MULHER E LETRAS NO SERTÃO

É importante frisar que, no século XX, surgiram inúmeras mudanças sociais. Dentre elas, a introdução de novas tecnologias, principalmente em se tratando do cenário urbano. Essas inovações também chegaram à região Nordeste, em especial, a cidade de Sousa. Com isso, os editores da revista perceberam que era importante escrever sobre esses “novos” tempos que o grupo social e, conseqüentemente, o mundo feminino estava vivenciando.

Como a cidade estava passando por transformações, houve a possibilidade da maior participação da mulher no que se refere ao campo intelectual, em que as mesmas escreviam sobre os mais diversos assuntos na revista. Percebe-se que elas tinham essa autonomia na escrita, seja para defenderem a mulher, seja para criticarem esses novos comportamentos do mundo feminino.

Usamos em nosso trabalho as edições que traziam assuntos referentes às mulheres, em paralelo com as inovações tecnológicas e sociais que estavam acontecendo no meio. Alguns autores incentivavam essa busca pela igualdade de gênero, acreditando na capacidade das mulheres em ocuparem o espaço público e incentivando-as, enquanto outros teciam críticas na tentativa de as mulheres viverem períodos de modernidade.

Um dos assuntos que mais recebia importância na vida das famílias era o casamento. Ainda no século XX, a sociedade em geral pregava que, para ser feliz, a mulher tinha que se casar. Em se tratando disso, a revista *Letras do Sertão*, na edição

trimestral de abril-maio-junho, trouxe o texto de Haide Nóbrega Simões²: “A importância da orientação matrimonial”. Nesse aspecto, vale ressaltar que a autora fez uma crítica às famílias e às mulheres que priorizavam o casamento como coisa essencial para a vida.

A edição afirma a preocupação da mulher com o casamento, destacando que a mulher se sentia constrangida e frustrada se não estivesse noiva ou se não viesse a casar. Isso ocorria devido ao fato de que a sociedade pregava esses costumes, que uma mulher para casar seria aquela que rezava a cartilha dos bons costumes e da moral. Isso se dava pela construção social: a sociedade impunha os conceitos e a grande maioria tentava seguir esses padrões. Diversos fatores contribuíam para que a mulher, de fato, buscasse o casamento, pois, por muito tempo, a mulher não possuía perspectivas de ocupar os diversos espaços públicos, então, viam no casamento um projeto de vida, disposto a ser conseguido.

Haide Nóbrega Simões relatou o medo das mulheres com a possibilidade de ficarem para “titia”, por isso as mesmas passavam a frequentar todas as reuniões, a espera de homens que as conduzisse ao altar. Quando a moça não encontrava esse homem, segundo a crítica da revista, ficava infeliz, além de ser ridicularizada pela sociedade. A mulher, durante a vida inteira era educada para ser uma boa esposa, e buscava mecanismos, ou seja, as melhores formas de agradar ao marido (SIMÕES, 1967).

Muitas famílias de classe média e alta tinham a prática de arranjar casamentos para seus filhos, que eram obrigados a seguirem os caminhos traçados pelos pais, ocasionando os diversos problemas enfrentados no casamento.

No decorrer do texto, a autora vai apresentando as possíveis causas do fracasso de um casamento, apontando ideias para que as famílias não cometessem esses erros. Ainda segundo a revista, por falta de educação familiar ou por que cresceu achando que para ser feliz era necessário o matrimônio, acreditavam que conseguir um casamento era difícil e, por isso, casavam as moças com qualquer um, o que acarretava um lar infeliz, uma família criada em bases falsas. Um dos responsáveis pelo fracasso seria a inexperiência, quando o medo de perder “um bom partido” subestimava o amor, achando que o afeto viria em seguida, o que em alguns casos não acontecia, deixando a mulher ainda mais submissa ao homem. Depois de casar, tudo mudava, inclusive o

² Haide Nóbrega Simões é escritora, poeta e professora de Literatura.

comportamento do rapaz que, antes de casar, era gentil, bonzinho e paciente e, depois do casamento, assumia outro aspecto de ser, até então desconhecido pela moça.

Segundo a autora:

Depois, é um Deus me acuda, é um contínuo rosário de lágrimas, é um lar infeliz e desajustado, é uma sociedade feita em bases falsas, pois, em grande parte, a inexperiência é responsável pelo fracasso, e passada a lua de mel, vem a de fel. Na realidade a pressa em casar, o feitiço da vaidade e a curiosidade natural, condenavam os cônjuges a uma incompatibilidade de interesses, a um inferno de vida (SIMÕES, 1967, p. 9).

Nesse contexto, o movimento feminista veio ajudar a desmistificar esse conceito de que “mulher para ser feliz tem que casar”, quando muitas das integrantes do movimento feminista lutavam por conseguirem espaço em uma universidade. Nos chamados anos dourados, estava tudo se modernizando. As mulheres passaram a querer escolher os homens para casar, irem às ruas sozinhas, a terem contato direto com os namorados. Mas, encontraram muitas dificuldades, pois, quando as mulheres se tornaram conhecedoras de seus direitos, passaram a reivindicá-los, indo de encontro ao discurso da mulher submissa ao marido, nunca no mesmo patamar social do homem.

A revista destacava que o pior nos casamentos era em relação à imaturidade de um dos jovens, devido os pais casarem suas filhas muito cedo, com receio das mesmas não conseguirem um casamento, o que causaria, segundo a revista, atritos entre ambos. Nesse caso, as mulheres eram mães muito novas, ainda na adolescência, sem terem um crescimento físico e intelectual e, muito menos, emocional para enfrentarem essas responsabilidades. Sobre isso, SIMÕES acrescentou:

Outra causa do fracasso no matrimônio reside na disparidade intelectual, pois cessado o encanto dos primeiros dias, o cônjuge mais instruído e educado passa a encerrar-se numa “torre de marfim”, amedrontado de que outrem venha descobrir o seu “erro” porquanto se conhece a inteligência da mulher do seu companheiro, quanto ao homem, a recíproca é verdadeira. Direi ainda, que a união entre pessoas de nível social diferente resulta num desajustamento de tamanha proporção que é comum ver-se cada qual criando um mundo, a parte, levando uma vida de ideal incomum, deixando a família relegada a sua própria sorte, igual a boneca que passa de mão em mão, sem ter direito de afirmar-se de que ser amada, de sentir-se como algo que age, pensa e reclama consideração (SIMÕES, 1967, p).

Haide Nóbrega Simões, conclui sua matéria com dicas para as mulheres de como ter um casamento harmonioso. Segundo ela, “o casamento, será tão harmonioso, quanto maior a formação da personalidade, pois estando em condições de selecionar, vocês farão do futuro lar um núcleo que irradia paz, amor, justiça, verdade, inteligência e a graça divina” (SIMÕES, 1967, p. 9). Aqui, a autora propôs a importância da espera, que as jovens não aceitassem os casamentos arranjados pelos pais, que buscassem vivenciar e acompanhar a modernidade.

As revistas tinham um poder influenciador muito grande na vida de seus leitores. Podemos perceber que a autora da publicação fez um mapeamento das principais causas que levavam a um casamento frustrado. Mas também sugeriu para seus leitores dicas de como ter um casamento harmonioso e feliz.

Fazendo uma análise da revista, em sua edição de número 12, foi publicada uma matéria em que a autora Julieta P. Gadelha³ apresentou uma discussão que teve com um amigo durante uma viagem, tendo como tema Intelecto e Casamento.

O interessante da publicação é que, mesmo criticando o preconceito que seu amigo tinha para com as mulheres, a autora mostrou que também tratava com hostilidade essa nova trilha seguida pelas mulheres. E o mais curioso é que ela destacou que, de início, não se interessou muito pela conversa, mas quando a conversa tomou um rumo injusto e quando percebeu que o amigo era inimigo das mulheres letradas, a autora não teria aceitado. Mas, em um momento de seu texto, ela afirmou sua concordância que, no casamento, a mulher nunca deveria ser superior ao homem, especialmente no grau de cultura (GADELHA, 1955). A autora afirmou que os homens não gostam de mulheres intelectuais:

Acho que só você e uns poucos. E se pensam assim talvez seja por que se sentem diminuídos diante da capacidade cerebral de algumas. Qual a razão do desprezo da mulher intelectual? Não encontro justificativa para suas palavras. Já se foi o tempo em que uma Aurora Dupin, para mostrar a sua intuição feminina, suas qualidades intelectuais, era preciso ocultar-se num pseudônimo de George Sand (GADELHA, 1955, p. 15).

³ Julieta Pordeus Gadelha foi professora e escritora, e contribuiu de forma significativa na historiografia do município de Sousa. Na revista *Letras do Sertão*, escrevia sobre os mais variados assuntos, tais como crônicas, assuntos sobre gênero, problemas sociais, poemas, entre outros. Escreveu crônicas importantes: *Para mamãe ler* (1965) e *Antes que ninguém Conte* (1986).

As mulheres, durante certo tempo, não tinham o direito de frequentar as universidades, mas aos poucos foram conseguindo ganhar seu espaço. Mesmo quando não podiam, haviam aquelas que burlavam essas ideias:

Fora dos papéis tradicionais, a mulher era uma promessa de flagelo. As inteligentes, consideradas perigosas... Mulheres honestas que quisessem se educar corriam o risco de se tornar prostitutas ou suicidas, porque homens comuns jamais se casariam com elas – o conhecimento lhes causava “repugnância (DEL PRIORE, 2014, p. 52).

Grande parte da sociedade, especialmente os homens, não gostavam de mulheres letradas. Acredito que seria com medo das mulheres ganharem reconhecimento em casa e na sociedade e que estas exercessem papéis de destaque e eles se tornassem inferiores a elas. A sociedade não tinha aceitava que as mulheres fossem capazes de ir além do espaço privado.

Durante muito tempo, as mulheres que estudavam e escreviam em colunas de jornais e revistas tinham que se esconder atrás de um pseudônimo. Em relação a essa questão, Julieta P. Gadelha desabafou afirmando que não entendia o porquê de a sociedade ainda menosprezar as mulheres, que não seria mais tempo de se esconderem por trás de um pseudônimo.

Segundo Gadelha, o mais difícil na luta das mulheres por direitos iguais eram as próprias mulheres, que foram instruídas a serem conservadoras e não liberais quando o assunto é a atuação feminina. A autora procura destacar como a mulher poderia ter funções superiores ao homem:

A maternidade poderia provar que a mulher é mais forte. Muitos médicos atestam que preferem intervir em mulheres pois estas suportariam melhor as dores. O homem, para passar uma noite acordado é preciso levar uma companheira uma garrafinha de álcool do contrário fracassaria (GADELHA, 1955, p. 15).

Para Gadelha, a mulher passaria noites e noites acordadas com os filhos, enquanto que o homem, para passar uma noite acordada, dependeria da ajuda do álcool. Seguindo esse raciocínio, deveríamos repensar o conceito de sexo frágil atribuído às mulheres. A autora fala ainda dos avanços conseguidos pelas mulheres, de sua

capacidade em exercer qualquer cargo que, até então, era ocupado pelos homens; que as mesmas são tão inteligentes e tão capazes quanto o sexo masculino:

Há algum tempo atrás, os cargos de responsabilidades eram entregues somente a homem. Hoje, no entanto, nas fábricas, repartições públicas, ministérios, assembleias, etc. estão repletas de “saias” competentes, graças ao seu desenvolvimento cerebral... a mulher não é apenas para remanejar panelas, cabo de vassoura, e cortar cebolas. Dentro do lar também é preciso uma dose de romantismo, poesia e inteligência para completar o ambiente de felicidade (GADELHA, 1955, p. 16).

Em grande medida, Julieta Pordeus elaborou um texto em defesa da atuação feminina em qualquer função ou espaço. Para ela, já havia passado o tempo em que mulheres deveriam se restringir ao espaço e serviços domésticos. Mesmo assim, percebe-se no seu texto algumas contradições e recuos acerca dos posicionamentos assumidos. Essa tensão é fruto do próprio jogo de poder que se operava naquele momento: a liberdade feminina era algo possível e uma luta justa, mas a resistência e as dificuldades ainda se faziam presentes.

Fazendo uma análise da revista podemos perceber que a mesma apresentava timidamente as questões em relação ao novo comportamento do mundo feminino, mesmo que procurando deixar claro as mudanças que estavam ocorrendo no cenário social. Nesse sentido, a revista cita a mulher simbolizada nas letras de poemas, contos, muitas vezes, enaltecendo a mulher dentro do lar, lutando pelo casamento e sonhando com uma família feliz.

Em relação à crítica da revista sobre o novo comportamento da mulher Julieta P. Gadelha escreve uma matéria com o título “A inversão de valores”, na qual faz uma reflexão sobre como a sociedade estava se comportando, colocando o luxo e a riqueza em primeiro lugar. Nesse cenário, via a posição das mulheres em uma situação infeliz, porque estavam optando pelo dinheiro e deixando de lado o amor:

Nesse mundo de ideais sacrificados em benefício da corrupção e da ganância, a posição da mulher é mais triste ainda. Está crescendo assustadoramente o número de mulheres materialistas em relação ao amor, e este, por sua vez, está desaparecendo para ceder lugar ao interesse. Isto já foi muito explorado pelo sexo oposto, agora a mulher se aliou e aprendeu essa transação anti-sentimental que faz inverter a posição de valores. Nada mais vale hoje em dia e tudo depende do dinheiro. Isso de amor é coisa (sic) secundária. A mulher que permanece adepta de classe “conservadora”, para aquela que só acredita

ao progresso do amor por meio do metal, não passa de retrógada e fora dos seus direitos (GADELHA, 1961, p. 19).

Podemos perceber, durante as análises, que autoras/intelectuais defendiam a importância da emancipação da mulher, a efetivação do trabalho da mulher fora de casa, de sua capacidade em ocupar cargos sociais, mas essa modernidade tinha certo limite: a mulher não deveria perder uma pretensa essência afetiva – sua feminilidade. Nesses termos, os textos de Gadelha são emblemáticos porque, embora defendam a emancipação feminina, ainda estão pautados por um discurso conservador quanto aos direitos das mulheres.

A revista também abordava assuntos de mulheres, mas escritos pelos homens. Assim como a tecnologia, que estava chegando lentamente no sertão paraibano, mudava-se também o comportamento das mulheres nas pequenas cidades do interior. Nessa perspectiva, a revista *Letras do Sertão*, na edição de 1954, trazia como título: “A mulher Moderna”, com autoria de Egberto Carneiro Cunha. Para ele a mulher teria deixado seus princípios conservadores de lado e adotaram um novo tipo de comportamento: passaram a andar sozinhas na rua. O autor inicia sua crítica fazendo uma comparação entre a mulher do século XIX e a do século XX, particularmente as que exageravam nos novos comportamentos. Por outro lado, esse texto acaba reconhecendo os avanços conquistados pelas mulheres ao longo dos anos:

Quanta diferença notável de se observar entre a mulher do século XIX e a do século XX. Portanto, devo dizer que, a geração atual, mas não só através da história de romances antigos, como do que escuto de respeitáveis anciãs nascidas em eras remotas, posso de modo cabal avaliar essa diferença. É preciso notar que, focalizando essa dissemelhança, não significa que eu deploro a evolução dos costumes, nem das conquistas na esfera social, reivindicadas pelo belo sexo, nesses últimos tempos. (CUNHA, 1994, p. 9)

O principal ponto criticado era em relação às roupas de praias usadas pelas mulheres. Como havia transformações no mundo da moda, e com a divulgação pela imprensa, especialmente por algumas revistas femininas, as mulheres passaram a usar outros tipos de roupas quando iam à praia. Nesse contexto, Egberto Carneiro Cunha situa que as moças do século XIX usavam roupas que deixavam exposto somente o rosto. Diz ainda que, quando ia à praia, ficava perplexo com o tamanho da roupa de

banho, ficando apenas 4 decímetros de pele coberta, o que representava um contraste muito grande. De acordo com Cunha:

As moças dos tempos das saias, balões e anquinhas apareciam nas festas, ou mesmo em reuniões familiares tão repletos de atavios de complicada indumentária da época que tinham quando muito, apenas quatro decímetros quadrados de pele exposta a vista - o rosto. Hoje, ao contrário, se vamos a uma praia de banhos, por exemplo, ficamos perplexos diante o espetáculo de quase nu artístico onde se observa que as belas sereias têm em geral, somente quatro decímetros de pele coberta, em flagrante contraste com as dos outros tempos (CUNHA 1954, p. 5)

Um dos novos hábitos adquiridos pelas mulheres foi o de andar sozinhas pelas ruas. Para sociedade, isso era um atrevimento, causando depreciações por parte dos conservadores do século XX, que lutavam pelo tradicionalismo. Naquela época, as mulheres só “deveriam” sair à rua na companhia de parentes próximos, que seria o pai ou o irmão, senão o marido. Foi construído um modelo de família tradicional constituída por um homem, mulher e filhos, e caberia aos demais setores da sociedade seguirem esse modelo.

Em se tratando desse novo hábito das mulheres, ainda em sua publicação, Cunha afirmou que essa nova maneira de se comportar perante a sociedade era considerada uma ousadia para os conservadores da época. Antes, as mulheres só podiam sair acompanhadas de pessoas da família, até mesmo durante o período do dia; enquanto que as do século XX, saíam sozinhas para a sorveteria, acompanhadas unicamente dos namorados, o que era considerado um atrevimento muito grande. Essas eram alvos de preconceitos, já que o papel de homens e mulheres já estavam definidos ou mesmo impostos pela sociedade: ao homem, caberia a responsabilidade de sustentar a casa, e a ele pertencia o espaço do público; já à mulher, caberia o espaço do privado, cuidar da casa, do marido e dos filhos (CUNHA, 1954).

Em sua publicação, Cunha explicou que as mulheres acreditavam estar na modernidade e com isso já não tinham mais os princípios de antes. Citou o exemplo das grandes cidades, onde as mulheres da alta sociedade se diziam honestas e educadas, mas na prática se comportavam totalmente diferentes. Como nos fala Cunha:

Nas grandes metrópoles elevada percentagem de madames, que se dizem honestas, da atualidade, mais compreensivas e educadas que suas ancestrais, usam uma tática completamente diversas. Se porventura se sentem requestadas por um importante e bem-apegoado galanteador, ao invés de darem escândalos denunciando-o aos maridos, esquivam-se delicadamente do sedutor numa retirada estratégica em que uns doces olhares e gestos, substituem grosseiras e tem o poder mágico de deixar boa margem para nova investida (CUNHA, 1954, p. 5)

Cunha fez uma crítica insistentemente sobre esse novo comportamento das mulheres que se diziam modernas, fazendo comparações entre as mulheres do século XIX e XX. Para ele, o conceito de delicadeza de algumas senhoras casadas que se autodenominavam modernas era de uma maneira tão absurda, que seria de ficar em dúvida a respeito de sua conduta, de sua moral. Traçou um perfil de desvalorização da mulher, colocando em questão uma dada moral masculina. Em suma, não aceitava que as mulheres ganhassem espaço no ambiente público, no cenário social. Para impedir isso, tentou achar uma saída, desmoralizar as mulheres modernas.

De acordo com Cunha, as mulheres estavam tão mudadas que muitas até aceitavam serem cortejadas por outros homens, e que estas acreditavam estar vivendo numa época de progresso. Ao terminar sua matéria, o referido autor nos falou que, diante dessas novas maneiras de comportamentos feminino, até acreditava que estava vivendo uma nova época.

As mulheres enfrentavam muitas dificuldades durante suas lutas. Apesar de conseguirem vitórias na lei, na prática era diferente, isto é, conseguiam apenas no papel. Em se tratando do código civil para as mulheres, a revista *Letras do Sertão*, em sua edição de junho de 1955, trouxe uma publicação que teve como título “Uma Jovem que Ficou sem Advogado”, tendo como autor Ananias P. Gadelha. A matéria inicialmente tratou sobre uma jovem que procurou Ananias Gadelha para processar seu ex-namorado, que segundo a mesma lhe havia enganado e lhe dado falsas expectativas de casamento, durante oito anos:

Alegava que durante o tempo decorrido, com o romance e, em virtude do compromisso tacitamente assumido pelo galã, que implicava na certeza do casamento, ela perdeu várias oportunidades - quer de conseguir bons ordenados ensinando, ora com o trabalho no comércio ou como datilografia num escritório de contabilidade. Rompendo o compromisso sem motivo justo, e depois de longos anos, continuava

minha paciente, ainda havia agravante de ficar na impossibilidade de contratar matrimônio com outro, face a sua idade, a sua tanta decadente beleza - por ter sido gasta no período amoroso dedicado ao jovem que lhe preferiu (Gadelha, 1955, p. 10).

Refletindo sobre a atitude da moça, podemos perceber que ela estava lutando pelos seus direitos, mas que ainda pregava os princípios conservadores ao alegar que o namoro fez com que a mesma perdesse de conseguir um outro casamento. O autor declarou que analisou o código civil para tentar ajudar a moça. Ao procurar uma lei que assegurasse os direitos da moça, encontrou o artigo 159 que dizia: “aquele que por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito, ou causar prejuízo a outrem, fica obrigado a reparar o dano” (CÓDIGO CIVIL *apud* GADELHA, 1955, p. 10). A lei assegurava a jovem. Mas será que a lei foi cumprida?

Analisando o caso, o advogado concluiu que realmente a jovem teve prejuízo econômico, moral, pois poderia ter conseguido um casamento, além de ter sido uma perda de tempo. Mas resolveu também estudar o caso do ex-namorado:

Diria em preliminar que mesmo houvesse aquele direito a sentença não poderia ser executada contra ele. Era um rapaz pobre, lutando no comércio para ganhar Cr\$2.000.00 mensais. Esse dinheiro mal dava para pagar as suas despesas de solteiro, que deste modo, não poderia jamais construir um lar, ideia esta que o obrigou ao rompimento, que não era um incapaz, ao contrário, possuía várias habilidades e se não conseguia um ordenado vultoso, não era sua culpa, mas das próprias mulheres, que invadiram a orbita das atividades dos homens e são preferidas pelos patrões por que pagam menos - ordenados a que o homem não pode se sujeitar, mas que elas não rejeitam por que, vivendo com os pais, deles recebem tudo para sua manutenção. Passando o mérito havia de dizer que ela era ingrata, que era interesseira, por que tinha cobrar todos os momentos venturosos que ele lhe proporcionou, que ela não merecia os afetos, os seus carinhos, e que para estes não existem preços, que em RECONVENÇÃO, (sic) pedia que lhe fossem pagas todas as alegrias que lucrou cem(sic) as suas palavras dedicadas, cem(sic) a sua veneração, com a presença confortadora, muitas vezes magoada, mas satisfazendo os seus pequeninos caprichos; que ela, com esta ação ridicularizava os seus mais puros e nobres sentimentos; que não podia merecer a proteção da justiça, quem não soube viver, usufruir ou compreender a grandeza de um amor sincero e leal (GADELHA, 1955, p. 11).

O advogado encontrou uma maneira de desmoralizar a jovem, que certamente perderia a causa, assim como perdeu o advogado. Analisando a edição podemos ver, na

prática, as dificuldades que as mulheres enfrentaram: a sociedade encontrava uma saída para driblar e colocar para debaixo do tapete as leis que diziam apoiar as mulheres.

Diante do exposto concluímos que, as edições da revista contribuíram de forma significativa na luta pela igualdade de gênero, que é o foco principal das mudanças comportamentais femininas que nos propomos a estudar. Essa contribuição se deu tanto positivamente quanto negativamente, pois, por vezes, os autores faziam críticas ao novo comportamento das mulheres na sociedade; e, por outras, as próprias mulheres escreviam para a revista as suas opiniões sobre esses acontecimentos da época.

Sendo assim, entendemos que a Revista *Letras do Sertão* apresentou uma representação tensa e ambígua da mulher sertaneja nos anos 1950. Por vezes, o feminino era uma condição naturalizada da mulher, sugerindo uma espacialização privada de sua atuação: o espaço privado, a atuação doméstica, a ênfase no casamento, no marido e nos filhos. Por outro lado, o feminino era também uma condição de luta pelo espaço público: a mulher que não precisava mais viver em função do casamento, podendo estudar, escrever, publicizar suas ideias, vontades e ações. Ao mesmo tempo, essa representação era tensa porque expunha as dificuldades desse processo em que homens e mulheres interagiam e se enfrentavam em torno de suas posições sociais: concordâncias e discordâncias eram expostas e publicadas pela revista *Letras do Sertão*. De toda forma, a revista se colocou como uma importante ferramenta de empoderamento dessas mulheres, que ganharam espaço em um importante veículo de publicação de ideias e de luta pela igualdade de direitos entre os gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos, neste trabalho, a trajetória de lutas das mulheres na busca pelo espaço na sociedade, ressaltando as dificuldades enfrentadas. Tivemos como principal objetivo analisar como a mulher estava representada na Revista *Letras do Sertão*. Partimos do pressuposto de que a função da revista em questão era informar ao público leitor os principais assuntos no cenário social da cidade de Sousa, mas o que mais nos interessou foram os assuntos relativos ao público feminino.

A revista analisada não era voltada apenas para o público feminino, abordava os mais variados assuntos, como questões políticas, econômicas, críticas ao novo comportamento das mulheres, modernidade, entre outros assuntos. Muitas das publicações eram escritas pelo próprio grupo feminino.

A cidade de Sousa foi o local onde a revista circulou. Inicialmente a revista não publicava anúncios e, segundo os editores, era simples e estava a serviço da cultura e da inteligência sertaneja. Analisamos trinta e uma edições da revista *Letras do Sertão*.

As leituras de autores ligados a essa temática nos ajudou a elaborar uma melhor discussão em relação ao tema, como também foram selecionadas publicações da revista que estavam voltadas para a problemática de estudo aqui proposta, o que nos auxiliou a entender e responder as indagações feitas no início do trabalho.

Identificamos que o século XX, e em especial as décadas de 1950 e 1960, trouxeram sinais de modernidade na sociedade brasileira em geral, modernidade conseguida através das lutas por melhorias na vida pessoal, política e econômica das mulheres. Analisamos os principais pontos que fizeram as mulheres lutarem para sair do espaço privado e como a sociedade estava lidando com isso. Percebemos também a tentativa de uma sociedade conservadora e tradicional, lutando de diversas maneiras contra esses novos ideais. No decorrer deste trabalho citamos ainda as revistas como um agente na tentativa de convencimento das mulheres em manterem os bons costumes e a moral, especialmente nos artigos escritos pelos homens.

Nosso trabalho, abordamos questões relacionadas ao gênero, à imprensa e como a historiografia se posicionava diante da temática sobre as mulheres. Pudemos perceber o papel influenciador da imprensa sobre o público leitor. Fazendo uma discussão das lutas nas relações de gênero, destacamos as conquistas e dificuldades enfrentadas no decorrer da trajetória feminina.

Destacamos o comportamento da mulher diante de uma sociedade que, ao mesmo tempo que estava passando por modernização, era extremamente conservadora e tradicional. Analisamos ainda como as mulheres conseguiram driblar e conseguir melhores condições de vida diante esses fatores. Durante todo esse processo, a mulher, ao tomar a iniciativa de lutar pela igualdade de direito, também estava lutando por respeito, para poder de exercer qualquer função na sociedade, na política, que sua capacidade não era inferior à do homem.

Feitas as análises e discussões historiográficas acerca da luta das mulheres, podemos perceber as inúmeras dificuldades enfrentadas para conseguirem igualdade de direitos e, acima de tudo, respeito. Conseguimos observar, durante a realização deste trabalho, que as mulheres descobriram ao longo do tempo como poderiam ser sujeitos de suas próprias histórias.

A partir das análises feitas neste trabalho, fomos capazes de entender as novas formas de se pensar uma mulher sertaneja, que vivia em uma dualidade: ao mesmo tempo que ela lutava, encontrava resistências; ao mesmo tempo que ela queria, se conformava. E isso aponta para o despertar para o mundo feminino, abre novas formas de pensar o que é ser mulher e sertaneja problematizando a relação da imprensa e gênero no período estudado, podendo enxergar o quanto a imprensa contribuiu de forma significativa na luta pela igualdade de direitos.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. **Das margens ao centro? Refletindo sobre a teoria Feminista e a sociologia Acadêmica.** Universidade Federal do Paraná. Revista Estudos feministas. 2003.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do “falo” - uma história do gênero masculino (1920-1940).** São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- ALIBIO, Nadia. **Eu sei tudo: a revista feminina e a construção da mulher ideal no início do século XX.** 2015.
- ARAÚJO, Denise, WALZBURGER Ana, CYPRIANO Douglas. **Mulheres em revista: a presença feminina em Expansão.** 2013.
- AREAS, Daiana Maciel. **Imprensa e política na década de 1950: o caso do Correio da Manhã.** ANAIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH RIO. V Encontro Nacional de História, ofício do historiador: ensino e pesquisa. 2012.
- BARRETO, Ana Lúcia Gomes. Letras do Sertão. **Revista Letras do Sertão.** N° 31. 1968. p. 3.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI. Mary e Carla Bassanezi (Org). **História das mulheres no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- BASTOS, Pedro Paulo Souza Rios e Adson dos Santos. **Mulheres e relações de gênero no semiárido brasileiro: uma história invisibilidade.** 2015.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo.** 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e Subversão de Identidade.** Coleção Sujeito e História. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CABRAL, Eugênia Melo. **Primeiras Histórias: o surgimento das imprensas.** 2008.
- CAMPOS, Elza Maria. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/index>>. Acesso em: 30 abr. 2016
- CARVALHO, Katia de. **A imprensa feminina nos anos 20: um sistema de informação cultural.** O autor. 1995.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro – RJ: Bertrand Brasil, 1990.

CONFORTIN, Helena. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In: GHILARDI LUCENA, Maria Inês (Org.). **Representações do Feminino**. Campinas: Átomo, 2003.

CORTAZZO, Inês. **Saúde e trabalho**. Arquivos de Medicina Preventiva, n. 7. Porto Alegre: Faculdade de Medicina, UFRGS, 1985.

COSTA, Irla Henrique. **As transformações do papel da mulher na contemporaneidade**. 2006.

CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **História & gênero: um olhar crítico da obra**. História: Debates e Tendências – v. 9, n. 2, jul./dez. 2009, p. 450-452, publ. no 1o sem. 2010.

CUNHA, Egberto Carneiro. **Mulher Moderna**. Revista Letras do Sertão. N° 11. 1954. p. 9.

DÁRIO, Rafaela Pereira. **Nas trilhas do progresso e da civilização: a revista letras do sertão e suas formas de imprimir uma Sousa Civilizada e progressista nos anos de 1951-69**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta. 2013.

FERNANDES, Arminda Nela Martins Lopes. **Ser Mulher mãe: a educação da saúde nas páginas do eu sei tudo nas primeiras décadas do século XX**. 2009.

FRAGOSO, Verônica de Souza; NUNES, Maria Lúcia da Silva. **O Feminismo sob o olhar da Associação Paraibana pelo Progresso Feminino In: II Seminário Nacional: Gênero e Práticas Culturais**. Culturas, leituras e representações. 2009. Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/gt1/17.pdf>> Acesso em 01 de mai.2016.

FRANÇA, Ana Letícia de, SCHIMANSKI, Edina. **Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito escolar**. 2009.

FREIRE, Maria Martha de Luna. Apud. **'Ser mãe é uma ciência': mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920**. Vida Doméstica. 2008.

GADELHA, Ananias Pordeus. **Uma que jovem ficou sem advogado**. Revista Letras do Sertão. N° 12, 1955. p 10.

GADELHA, Julieta Pordeus. **Intelecto e casamento**. Revista Letras do Sertão. N° 12. 1955, p. 15.

GADELHA, Julieta Pordeus. **Inversão de valores**. Revista Letras do Sertão. N° 23, 1961. p. 19.

GOMES, Gisele Ambrósio. **História, Mulher e Gênero**. A mulher na história do Brasil. São Paulo: Contexto, 1994.

GOMES, Orlando. **A Mulher e o Casamento na Sociedade Brasileira: breve Comparativo Histórico.** 2008.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **Gênero e história das mulheres na historiografia história e... gênero.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUSTAVO Venturi, RECAMÁN Marisol e OLIVEIRA Suely de organizadores. **A mulher brasileira nos espaços público e privado** – 1. ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

LIMA, Luana Carolina Braz de. **Cidadania Sexual, diversidade e direitos humanos: intersecções entre diferença, poder e violência.** 2011.

LUCENA, Mariana Barrêto Nóbrega de. **Os debates do movimento feminista: do movimento sufragista ao feminismo multicultural.** 2004.

LUCA, Tania Regina de e MARTINS, Ana Luiza. **História das Imprensa no Brasil.** Editora Contexto. 2013.

MALUF, Marina e MOTT, Lúcia Maria. Recônditos do mundo feminino. In: **História da vida privada no Brasil**, 3. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **História das Mulheres e das Relações de Gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas.** Mandrágora, v.19. n. 19, 2013.

MÉNDEZ, Natália Pietra. **Feminismo, imprensa e poder no Brasil Contemporâneo.** Metis: história e cultura. V.6, N.12, 2007.

NUNES, Maria Lúcia da Silva, FRAGOSO, Verônica de Souza. **O feminismo sob o olhar da associação paraibana pelo. Progresso feminino.** In: II Seminário Nacional Gênero e Práticas culturais. UFPB. 2011.

PEDRO, Claudia Bragança, GUEDES, Olegna de Souza. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres.** In: Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da História.** Bauru: Edusc, 2005.

RODRIGUES, Luciana Varga. **A Representação da mulher na imprensa feminina.** 2004.

ROIZ, Diogo da Silva. **A discreta e sedutora “História das mulheres”** cadernos pagu. 2008.

Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/araujo-walzburger-cypriano-2013-mulheres.pdf>> Acesso em: 20 mai. 2016.

SANTANA, Rosemere Olimpio de. **Raptos consentidos: afetos proibidos e relações de poder na Paraíba (1880-1910).** Joao Pessoa, 2008.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. **Casamento e Família no Brasil: breve panorama.** 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Mulher e realidade: mulher e educação.** Porto Alegre, Vozes, V. 16, nº 2, jul/dez de 1990.

SEMEÃO, Jane. **Tempo presente e ensino de história no Brasil: uma análise dos currículos escolares dos anos finais do ensino fundamental (2007-2012).** 2013.

SILVA, Ana Paula Mendes. **Julieta Pordeus Gadelha e a Prática Educativa de uma Mulher Paraibana.** 2015.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil.** Politeia: Hist. e Soc. Vitória da Conquista v. 8 n. 1, 2008.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Politeia: História e Sociedade,** Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, 2008.

SILVA, Ana Paula Mendes. **Gênero e educação na Paraíba: a prática educativa da escritora sousense Julieta Pordeus Gadelha.** Souza-PB, 2007.

SIMÃO, Andréa Branco. **Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Se Eu Não Tivesse me Guardado... Histórias Sobre Sexo E Casamento Nos Anos 60.** 2010.

SIMÕES, Haide Nóbrega. **Importância da união matrimonial.** Revista Letras do sertão, Nº 28. 1967. p. 9.

SILVA, Ana Paula Mendes. **Julieta Pordeus Gadelha e a Prática Educativa de uma mulher paraibana.** 2015.

SOBREIRA, Dayane Nascimento. **Mulher bonita é a que luta: Nas tessituras do feminismo em campina grande (1982-19892).** 2014.

SOIHET, Raquel. **A pedagogia do espaço público para as mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz.** In. Revista Brasileira de Educação, Campinas, SP: Autores Associados, n. 15, 2000.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: FLAMARION, Ciro. VAINFAS, Ronaldo. Org. **Domínios da História, Ensaios de Teoria e Metodologia.** 5. ed. 1997.

TÁBOA, Ísis Dantas Menezes Zornoff. **“Diga-me, quem te deu o direito soberano de oprimir Meu sexo?”: a afirmação histórica dos direitos das mulheres.** Universidade Estadual Paulista (UNESP). 2011.